



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

TEXTO ORIGINAL DO RELATÓRIO (3ª VERSÃO)	PROPOSTA DE ALTERAÇÃO	JUSTIFICATIVA
Dispõe sobre o licenciamento ambiental e a avaliação ambiental estratégica, e dá outras providências.	Dispõe sobre o <u>licenciamento ambiental</u> , e a <u>avaliação ambiental estratégica (AAE), o Zoneamento Ecológico Econômico (ZEE)</u> e dá outras providências.	<u>Ementa – redação</u>
<p>CAPÍTULO I DISPOSIÇÕES PRELIMINARES Art. 1º Esta Lei, denominada Lei Geral do Licenciamento Ambiental, estabelece normas gerais para o licenciamento de atividade ou empreendimento utilizador de recursos ambientais, efetiva ou potencialmente poluidor ou capaz, sob qualquer forma, de causar degradação do meio ambiente, previsto no art. 10 da Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, e dispõe sobre a avaliação ambiental estratégica (AAE) de políticas, planos ou programas governamentais e o zoneamento ecológico-econômico. § 1º As disposições desta Lei aplicam-se: I – ao licenciamento ambiental realizado perante os órgãos e entidades da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios integrantes do Sistema Nacional do Meio Ambiente (Sisnama), observadas as atribuições estabelecidas na Lei Complementar nº 140, de 8 de dezembro de 2011; e II – à AAE realizada pelos órgãos e entidades da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios responsáveis pelo planejamento e formulação de políticas, planos ou programas governamentais. § 2º O licenciamento ambiental deve prezar pela participação pública, transparência, pela</p>	<p>CAPÍTULO I DISPOSIÇÕES PRELIMINARES Art. 1º Esta Lei, denominada Lei Geral do Licenciamento Ambiental, estabelece normas gerais para o licenciamento de atividade ou empreendimento utilizador de recursos ambientais, efetiva ou potencialmente poluidor ou capaz, sob qualquer forma, de causar degradação do meio ambiente, previsto no art. 10 da Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, e dispõe sobre a <u>avaliação ambiental estratégica (AAE)</u> de políticas, planos ou programas governamentais e o <u>zoneamento ecológico-econômico (ZEE)</u>. § 1º As disposições desta Lei aplicam-se: I – ao licenciamento ambiental realizado perante os órgãos e entidades da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios integrantes do Sistema Nacional do Meio Ambiente (Sisnama), observadas as atribuições estabelecidas na Lei Complementar nº 140, de 8 de dezembro de 2011; e II – à AAE realizada pelos órgãos e entidades da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios responsáveis pelo planejamento e formulação de políticas, planos ou programas governamentais. § 2º O licenciamento ambiental deve prezar pela participação pública, transparência <u>e controle social</u>, pela <u>preponderância do interesse público e dos direitos fundamentais</u>, pela celeridade e economia processual,</p>	<p>Caput - redação</p> <p><u>II - garantias fundamentais para a política ambiental</u></p>



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>preponderância do interesse público, pela celeridade e economia processual, pela prevenção do dano ambiental, pelo desenvolvimento sustentável e pela análise integrada dos impactos e riscos ambientais.</p>	<p>pela prevenção do dano ambiental, pelo desenvolvimento sustentável e pela análise integrada dos impactos e riscos ambientais.</p>	
<p>Art. 2º Observadas as disposições desta Lei, são diretrizes para o licenciamento ambiental: I – a realização da avaliação de impactos ambientais segundo procedimentos técnicos que busquem a sustentabilidade ambiental; II – a participação da sociedade; III – a transparência de informações, com disponibilização pública de todos os estudos e documentos que integram o licenciamento, em todas as suas etapas; IV – o fortalecimento das relações interinstitucionais e dos instrumentos de mediação e conciliação, buscando garantir segurança jurídica e evitar judicialização de conflitos; V – a eficácia, eficiência e efetividade na gestão dos impactos decorrentes das atividades ou empreendimentos utilizadores de recursos ambientais, efetiva ou potencialmente causadores de poluição ou outra forma de degradação do meio ambiente, incluindo instrumentos de garantia para que isso ocorra; e VI – a cooperação entre os entes federados, incluindo o monitoramento das atividades e empreendimentos em operação ou desativados.</p>	<p>Art. 2º Observadas as disposições desta Lei, são diretrizes para o licenciamento ambiental: I – a realização da avaliação de impactos ambientais segundo procedimentos técnicos que busquem a sustentabilidade ambiental; II – a participação da sociedade; III – a transparência de informações, com disponibilização pública de todos os estudos e documentos que integram o licenciamento, em todas as suas etapas; IV – o fortalecimento das relações interinstitucionais e dos instrumentos de mediação e conciliação, buscando garantir segurança jurídica e evitar judicialização de conflitos; V – a eficácia, eficiência e efetividade na gestão dos impactos decorrentes das atividades ou empreendimentos utilizadores de recursos ambientais, efetiva ou potencialmente causadores de poluição ou outra forma de degradação do meio ambiente, incluindo instrumentos de garantia para que isso ocorra; e VI – a cooperação entre os entes federados, incluindo o monitoramento das atividades e empreendimentos em operação ou desativados.</p>	<p><u>Ok</u></p>
<p>Art. 3º Para os efeitos desta Lei, entende-se por: I – área diretamente afetada (ADA): área de intervenção direta da atividade ou empreendimento,</p>	<p>Art. 3º Para os efeitos desta Lei, entende-se por: I – área diretamente afetada (ADA): área de intervenção direta da atividade ou empreendimento, necessária para</p>	<p>II - retirar a expressão “impactos ambientais diretos”, deixando “impactos ambientais”. A presença apenas da palavra “diretos” exclui os</p>



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>necessária para a sua construção, instalação, ampliação e operação;</p> <p>II – área de influência: área que sofre os impactos ambientais diretos da construção, instalação, ampliação e operação de atividade ou empreendimento, conforme delimitação apontada no estudo ambiental e aprovada pela autoridade licenciadora;</p> <p>III – audiência pública: modalidade de participação presencial no licenciamento ambiental, aberta ao público em geral, na qual deve ser apresentado à população da ADA e da área de influência da atividade ou empreendimento o conteúdo da proposta em análise e dos seus respectivos estudos, especialmente os impactos ambientais e as medidas preventivas, mitigadoras e compensatórias, dirimindo dúvidas e recolhendo críticas e sugestões;</p> <p>IV – autoridade envolvida: órgão ou entidade que, nos casos previstos na legislação, deve se manifestar no licenciamento ambiental acerca dos impactos da atividade ou empreendimento sobre as populações indígenas ou quilombolas, o patrimônio cultural, as Unidades de Conservação da natureza ou a saúde humana;</p> <p>V – autoridade licenciadora: órgão ou entidade da administração pública, integrante do Sisnama, competente pelo licenciamento ambiental na forma da Lei Complementar nº 140, de 2011, que detém o poder decisório e responde pela emissão e renovação das licenças ambientais;</p> <p>VI – avaliação ambiental estratégica (AAE): instrumento de apoio à tomada de decisão, de elaboração facultativa, que subsidia opções</p>	<p>a sua construção, instalação, ampliação e operação;</p> <p>II – área de influência: área que sofre os impactos ambientais diretos da construção, instalação, ampliação e operação de atividade ou empreendimento, conforme delimitação apontada no estudo ambiental e aprovada pela autoridade licenciadora;</p> <p>III – audiência pública: modalidade de participação presencial no licenciamento ambiental, aberta ao público em geral, na qual deve ser apresentado à população da ADA e da área de influência da atividade ou empreendimento o conteúdo da proposta em análise e dos seus respectivos estudos, especialmente os impactos ambientais e as medidas preventivas, mitigadoras e compensatórias, dirimindo dúvidas e recolhendo críticas e sugestões;</p> <p>IV – autoridade envolvida: órgão ou entidade que, nos casos previstos na legislação, deve se manifestar no licenciamento ambiental acerca dos impactos da atividade ou empreendimento sobre as populações indígenas, e quilombolas <u>ou outros povos e comunidades tradicionais</u>, o patrimônio cultural, as Unidades de Conservação da natureza ou a saúde humana;</p> <p>V – autoridade licenciadora: órgão ou entidade da administração pública, integrante do Sisnama, competente pelo licenciamento ambiental na forma da Lei Complementar nº 140, de 2011, que detém o poder decisório e responde pela emissão e renovação das licenças ambientais;</p> <p>VI – avaliação ambiental estratégica (AAE): instrumento de apoio à tomada de decisão, de elaboração facultativa, que subsidia opções estratégicas de longo prazo, promove e facilita a integração dos aspectos ambientais com os</p>	<p>impactos indiretos, pois há impactos indiretos que podem ser mais danosos dos que os diretos, por exemplo, desmatamento induzido por abertura de rodovias, bem como adensamento populacional desordenado <u>que resulta em problemas de saúde, saneamento violência etc.</u> Só os estudos de impactos podem indicar <u>qual a área de influência e os impactos diretos e indiretos, não cabe à lei essa ocorrência ou não.</u> Além do mais, há uma linha tênue que separa os impactos diretos e indiretos, evitando inclusive judicialização e consequentemente prejuízos econômicos ao empreendedor.</p> <p><u>IV – garantia importante para outros povos e comunidades tradicionais que podem ser atingidos direta ou indiretamente pelos impactos negativos dos empreendimentos.</u></p>
--	--	--



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>estratégicas de longo prazo, promove e facilita a integração dos aspectos ambientais com os socioeconômicos, territoriais e políticos nos processos de planejamento e formulação de políticas, planos e programas governamentais, oferecendo aos tomadores de decisão recomendações sobre as melhores alternativas para a ação estratégica.</p> <p>VII – condicionantes ambientais: medidas, condições ou restrições sob responsabilidade do empreendedor, estabelecidas no âmbito das licenças ambientais pela autoridade licenciadora, de modo a evitar, mitigar ou compensar os impactos ambientais negativos diretos identificados nos estudos ambientais, bem como maximizar os impactos positivos;</p> <p>VIII – consulta livre, prévia e informada: modalidade de participação específica para os povos indígenas e tribais sujeitos à Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), com o objetivo de informar e permitir a participação desses povos no licenciamento ambiental;</p> <p>IX – consulta pública: modalidade de participação virtual no licenciamento ambiental, pela qual a autoridade licenciadora recebe contribuições por escrito de qualquer interessado;</p> <p>X – empreendedor: pessoa física ou jurídica, de direito público ou privado, responsável por atividade ou empreendimento utilizador de recursos ambientais efetiva ou potencialmente poluidor ou capaz, sob qualquer forma, de causar degradação do meio ambiente;</p> <p>XI – estudo ambiental: estudo relativo aos aspectos,</p>	<p>socioeconômicos, territoriais e políticos nos processos de planejamento e formulação de políticas, planos e programas governamentais, oferecendo aos tomadores de decisão recomendações sobre as melhores alternativas para a ação estratégica.</p> <p>VII – condicionantes ambientais: medidas, condições ou restrições sob responsabilidade do empreendedor, estabelecidas no âmbito das licenças ambientais pela autoridade licenciadora, de modo a evitar, mitigar ou compensar os impactos ambientais negativos diretos identificados nos estudos ambientais, bem como maximizar os impactos positivos;</p> <p>VIII – consulta livre, prévia e informada: modalidade de participação específica para os povos indígenas e tribais sujeitos à Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), com o objetivo de informar e permitir a participação desses povos no licenciamento ambiental;</p> <p>IX – consulta pública: modalidade de participação virtual <u>não-presencial</u> no licenciamento ambiental, pela qual a autoridade licenciadora recebe contribuições por escrito de qualquer interessado;</p> <p>X – empreendedor: pessoa física ou jurídica, de direito público ou privado, responsável por atividade ou empreendimento utilizador de recursos ambientais efetiva ou potencialmente poluidor ou capaz, sob qualquer forma, de causar degradação do meio ambiente;</p> <p>XI – estudo ambiental: estudo relativo aos aspectos, impactos ou riscos ambientais de atividade ou empreendimento, <u>apresentado pelo empreendedor como requisito do licenciamento ambiental</u>;</p> <p>XII – estudo prévio de impacto ambiental (EIA): estudo ambiental de atividade ou empreendimento utilizador de recursos ambientais, efetiva ou potencialmente causador</p>	<p>VII – idem inciso II</p> <p>IX - redação</p> <p>XI – qualificar melhor o estudo ambiental específico no âmbito do licenciamento.</p> <p>XII - redação</p>
---	--	--



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>impactos ou riscos ambientais de atividade ou empreendimento;</p> <p>XII – estudo prévio de impacto ambiental (EIA): estudo ambiental de atividade ou empreendimento utilizador de recursos ambientais, efetiva ou potencialmente causador de significativa degradação do meio ambiente, realizado previamente à análise de sua viabilidade ambiental;</p> <p>XIII – impacto ambiental: alterações adversas ou benéficas no meio ambiente causadas por empreendimento ou atividade em sua área de influência, considerados os meios físico, biótico e socioeconômico;</p> <p>XIV – licença ambiental: ato administrativo por meio do qual a autoridade licenciadora licencia a instalação, a ampliação, ou a operação de atividade ou empreendimento sujeito a licenciamento ambiental, estabelecendo as condicionantes ambientais cabíveis;</p> <p>XV – licença ambiental por adesão e compromisso (LAC): licença que atesta a viabilidade e autoriza a instalação e a operação de atividade ou empreendimento de baixo impacto ou risco ambiental e que observe as demais condições previstas nesta Lei, mediante declaração de adesão e compromisso do empreendedor aos requisitos estabelecidos pela autoridade licenciadora;</p> <p>XVI – licença ambiental única (LAU): licença que atesta a viabilidade e autoriza a instalação e a operação de atividade ou empreendimento de médio ou de baixo impacto ou risco ambiental, aprova as ações de controle e monitoramento ambiental e estabelece condicionantes ambientais</p>	<p>de significativa <u>poluição ou outra forma de</u> degradação do meio ambiente, realizado previamente à análise de sua viabilidade ambiental;</p> <p>XIII – impacto ambiental: alterações adversas ou benéficas no meio ambiente causadas por empreendimento ou atividade em sua área de influência, considerados os meios físico, biótico e socioeconômico;</p> <p>XIV – licença ambiental: ato administrativo por meio do qual a autoridade licenciadora licencia a <u>construção, a</u> instalação, a ampliação, <u>a modificação</u> ou a operação de atividade ou empreendimento sujeito a licenciamento ambiental, estabelecendo as condicionantes ambientais cabíveis;</p> <p>XV – licença ambiental por adesão e compromisso (LAC): licença que atesta a viabilidade e autoriza a instalação e a operação de atividade ou empreendimento de baixo impacto ou risco ambiental e que observe as demais condições previstas nesta Lei, mediante declaração de adesão e compromisso do empreendedor aos <u>critérios, pré-condições, requisitos e condicionantes ambientais</u> estabelecidos pela autoridade licenciadora;</p> <p>XVI – licença ambiental única (LAU): licença que atesta a viabilidade e autoriza a instalação e a operação de atividade ou empreendimento de médio ou de baixo impacto ou risco ambiental, aprova as ações de controle e monitoramento ambiental e estabelece condicionantes ambientais para a sua instalação e operação e, quando necessário, para a sua desativação, em uma única etapa;</p> <p>XVII – licença de instalação (LI): licença que autoriza a instalação de atividade ou empreendimento, aprova os planos, programas e projetos de prevenção, mitigação ou compensação dos impactos ambientais negativos e de maximização dos impactos positivos e estabelece</p>	<p><u>XIV – a construção e a modificação estão previstas no art. 4º, mas não nas definições.</u></p> <p><u>XV – a LAC, se não for devidamente estipulada e regulada, pode se tornar um problema e não uma solução.</u></p> <p><u>No inciso XVI, - a supressão da palavra “médio” visa garantir que apenas os empreendimentos de baixo impactos sejam objetos da LAU. A permanência do termo “médio” numa lei geral de um país com a dimensão territorial e diversidade do Brasil, pode ensejar distorções e incentivar uma guerra fiscal ambiental entre as unidades da federação.</u></p>
---	--	---



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>para a sua instalação e operação e, quando necessário, para a sua desativação, em uma única etapa;</p> <p>XVII – licença de instalação (LI): licença que autoriza a instalação de atividade ou empreendimento, aprova os planos, programas e projetos de prevenção, mitigação ou compensação dos impactos ambientais negativos e de maximização dos impactos positivos e estabelece condicionantes ambientais;</p> <p>XVIII – licença de operação (LO): licença que autoriza a operação de atividade ou empreendimento, aprova as ações de controle e monitoramento ambiental e estabelece condicionantes ambientais para operação e, quando necessário, para a sua desativação;</p> <p>XIX – licença de operação corretiva (LOC): licença que atesta a viabilidade e regulariza atividade ou empreendimento que opera sem licença ambiental, por meio da fixação de condicionantes que viabilizam sua continuidade e conformidade com as normas ambientais;</p> <p>XX – licença prévia (LP): licença que atesta, na fase de planejamento, a viabilidade ambiental de atividade ou empreendimento quanto à sua concepção e localização, e estabelece requisitos e condicionantes ambientais;</p> <p>XXI – licenciamento ambiental: processo administrativo destinado a licenciar atividade ou empreendimento utilizador de recursos ambientais, efetiva ou potencialmente poluidor ou capaz, sob qualquer forma, de causar degradação do meio ambiente;</p>	<p>condicionantes ambientais;</p> <p>XVIII – licença de operação (LO): licença que autoriza a operação de atividade ou empreendimento, aprova as ações de controle e monitoramento ambiental e estabelece condicionantes ambientais para operação e, quando necessário, para a sua desativação;</p> <p>XIX – licença de operação corretiva (LOC): licença que atesta a viabilidade e regulariza atividade ou empreendimento que opera sem licença ambiental, por meio da fixação de condicionantes que viabilizam sua continuidade e conformidade com as normas ambientais;</p> <p>XX – licença prévia (LP): licença que atesta, na fase de planejamento, a viabilidade ambiental de atividade ou empreendimento quanto à sua concepção e localização, e estabelece requisitos e condicionantes ambientais;</p> <p>XXI – licenciamento ambiental: processo administrativo destinado a licenciar atividade ou empreendimento utilizador de recursos ambientais, efetiva ou potencialmente poluidor ou capaz, sob qualquer forma, de causar degradação do meio ambiente;</p> <p><u>XXII – oficina pública preparatória: modalidade de participação presencial que antecede a audiência pública, organizada pelo empreendedor e às suas custas, com a participação do órgão licenciador, do empreendedor e das comunidades impactadas pelo empreendimento.</u></p> <p>XXII – plano básico ambiental (PBA): estudo apresentado à autoridade licenciadora para as fases de LI e LO nos casos sujeitos à elaboração de EIA, compreendendo o detalhamento dos programas, projetos e ações de mitigação, controle, monitoramento e compensação para os impactos ambientais negativos;</p> <p>XXIII – plano de controle ambiental (PCA): estudo apresentado à autoridade licenciadora nos casos não</p>	<p><u>XXII (novo inciso, renumerar a partir daqui) – quanto mais diálogo e preparação da audiência pública, melhores serão os resultados, resultando em mais celeridade e menor judicialização do processo. Essas oficinas são encontros realizados nos diversos municípios e comunidades impactados pelo empreendimento, com o objetivo de apresentar e dirimir dúvidas das lideranças das comunidades sobre o empreendimento e seus impactos; ouvir as diversas opiniões sobre o empreendimento; colher sugestões de alterações de projeto e propostas de ações mitigadoras e</u></p>
--	--	---



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>XXII – plano básico ambiental (PBA): estudo apresentado à autoridade licenciadora para as fases de LI e LO nos casos sujeitos à elaboração de EIA, compreendendo o detalhamento dos programas, projetos e ações de mitigação, controle, monitoramento e compensação para os impactos ambientais negativos;</p> <p>XXIII – plano de controle ambiental (PCA): estudo apresentado à autoridade licenciadora nos casos não sujeitos à elaboração de EIA, compreendendo o detalhamento dos programas, projetos e ações de mitigação, controle, monitoramento e compensação para os impactos ambientais negativos;</p> <p>XXIV – relatório de caracterização do empreendimento (RCE): documento a ser apresentado nas situações previstas nesta Lei, contendo caracterização e informações técnicas sobre a instalação e a operação da atividade ou empreendimento;</p> <p>XXV – relatório de controle ambiental (RCA): estudo exigido no licenciamento ambiental corretivo ou no rito simplificado, contendo dados e informações da atividade ou empreendimento e do local em que se insere, identificação dos impactos ambientais e proposição de medidas mitigadoras, de controle e de monitoramento ambiental;</p> <p>XXVI – relatório de impacto ambiental (Rima): documento que reflete as conclusões do EIA, apresentado de forma objetiva e com informações em linguagem acessível ao público em geral, de modo que se possam entender as vantagens e desvantagens da atividade ou empreendimento, bem como as consequências ambientais de sua</p>	<p>sujeitos à elaboração de EIA, compreendendo o detalhamento dos programas, projetos e ações de mitigação, controle, monitoramento e compensação para os impactos ambientais negativos;</p> <p>XXIV – relatório de caracterização do empreendimento (RCE): documento a ser apresentado nas situações previstas nesta Lei, contendo caracterização e informações técnicas sobre a instalação e a operação da atividade ou empreendimento;</p> <p>XXV – relatório de controle ambiental (RCA): estudo exigido no licenciamento ambiental corretivo ou no rito simplificado, contendo dados e informações da atividade ou empreendimento e do local em que se insere, identificação dos <u>passivos e dos impactos ambientais e proposição de atividade ou empreendimento em operação e, quando couber, de medidas mitigadoras, de controle e de monitoramento ambiental;</u></p> <p>XXVI – relatório de impacto ambiental (Rima): documento que reflete as conclusões do EIA, apresentado de forma objetiva e com informações em linguagem acessível ao público em geral, de modo que se possam entender as vantagens e desvantagens da atividade ou empreendimento, bem como as consequências ambientais de sua implantação;</p> <p><u>XXVII – relatório resumido de estudos ambientais: : modalidade de documento, com linguagem não-técnica, que reflete as conclusões dos estudos ambientais, excetuando-se os casos de EIA, e documentos exigidos como requisito para obtenção de LP, LP/LI, LAU ou LOC, apresentado de forma objetiva e com informações em linguagem acessível ao público em geral, de modo que se possa entender as vantagens e desvantagens da atividade ou empreendimento, bem como as consequências</u></p>	<p><u>compensatórias úteis e adequadas para as populações atingidas; entre outros. Experiências positivas em algumas Unidades da Federação, como na Bahia, há alguns anos atrás.</u></p> <p><u>XXV - redação</u></p> <p><u>XXVII (novo inciso, idem numeração) – é importante e coerente com as melhores práticas internacionais a existência de documentos sintéticos, equivalentes ao RIMA, para os demais estudos ambientais que suportem decisão sobre viabilidade ambiental de empreendimentos. Mesmo os estudos ambientais mais expeditos, no âmbito de processos simplificados, podem ser bastante complexos, no conteúdo ou na</u></p>
--	--	--



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>implantação; XXVII – reunião participativa: modalidade de participação presencial no licenciamento ambiental, restrita a convidados, pela qual a autoridade licenciadora solicita contribuições para auxiliá-la na tomada de decisões; XXVIII – termo de referência (TR): documento emitido pela autoridade licenciadora, ouvidas, quando couber, as autoridades envolvidas, que estabelece o escopo dos estudos a serem apresentados pelo empreendedor no licenciamento ambiental para avaliação dos impactos ou riscos ambientais decorrentes da atividade ou empreendimento; e XXIX – tomada de subsídios técnicos: modalidade de participação virtual ou presencial no licenciamento ambiental, pela qual a autoridade licenciadora solicita contribuições técnicas ao público em geral ou a especialistas convidados, com o objetivo de auxiliá-la na tomada de decisões.</p>	<p><u>ambientais de sua implantação.</u> XXVII – reunião participativa: modalidade de participação presencial no licenciamento ambiental, restrita a convidados, pela qual a autoridade licenciadora solicita contribuições para auxiliá-la na tomada de decisões; XXVIII – termo de referência (TR): documento emitido pela autoridade licenciadora, ouvidas, quando couber, as autoridades envolvidas, que estabelece o escopo <u>conteúdo</u> dos estudos a serem apresentados pelo empreendedor no licenciamento ambiental para avaliação dos impactos ou riscos ambientais decorrentes da atividade ou empreendimento; e XXIX – tomada de subsídios técnicos: modalidade de participação virtual <u>presencial</u> ou <u>não</u>-presencial no licenciamento ambiental, pela qual a autoridade licenciadora solicita contribuições técnicas ao público em geral ou a especialistas convidados, com o objetivo de auxiliá-la na tomada de decisões.</p>	<p><u>linguagem, para os leigos e as comunidades atingidas. É fundamental para aprimoramento da participação pública no licenciamento ambiental.</u></p> <p><u>XXVIII – redação</u></p> <p><u>XXIX - redação</u></p>
<p>Art. 4º A construção, a instalação, a ampliação, a modificação e a operação de atividade ou empreendimento utilizador de recursos ambientais, efetiva ou potencialmente poluidor ou capaz, sob qualquer forma, de causar degradação do meio ambiente estão sujeitas a prévio licenciamento ambiental perante a autoridade licenciadora integrante do Sisnama, sem prejuízo das demais licenças, outorgas e autorizações cabíveis. § 1º Os órgãos colegiados deliberativos do Sisnama devem definir as tipologias de atividades ou empreendimentos sujeitos a licenciamento</p>	<p>Art. 4º A construção, a instalação, a ampliação, a modificação e a operação de atividade ou empreendimento utilizador de recursos ambientais, efetiva ou potencialmente poluidor ou capaz, sob qualquer forma, de causar degradação do meio ambiente estão sujeitas a prévio licenciamento ambiental perante a autoridade licenciadora integrante do Sisnama, sem prejuízo das demais licenças, outorgas e autorizações cabíveis. § 1º Os órgãos colegiados deliberativos do Sisnama devem definir as tipologias de atividades ou empreendimentos sujeitos a licenciamento ambiental,</p>	



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>ambiental, respeitadas as atribuições previstas na Lei Complementar nº 140, de 2011, e observado o disposto no art. 8º desta Lei.</p> <p>§ 2º Na definição das tipologias de atividades ou empreendimentos consoante previsto no § 1º deste artigo:</p> <p>I – a lista estabelecida pelo órgão consultivo e deliberativo do Sisnama deve ser observada pelos órgãos colegiados deliberativos do Sisnama dos estados, do Distrito Federal e dos municípios, que podem complementá-la; e</p> <p>II – a lista estabelecida pelos órgãos colegiados deliberativos estaduais do Sisnama deve ser observada pelos órgãos colegiados deliberativos municipais do Sisnama, que podem complementá-la.</p> <p>§ 3º Até que sejam definidas as tipologias conforme os §§ 1º e 2º deste artigo, cabe à autoridade licenciadora adotar o procedimento em vigor até a data da publicação desta Lei.</p> <p>§ 4º A lista das tipologias de atividades ou empreendimentos sujeitos ao licenciamento ambiental referida nos §§ 1º e 2º deste artigo deve ser atualizada sempre que necessário.</p>	<p>respeitadas as atribuições previstas na Lei Complementar nº 140, de 2011, e observado o disposto no art. 8º desta Lei.</p> <p>§ 2º Na definição das tipologias de atividades ou empreendimentos consoante previsto no § 1º deste artigo:</p> <p>I – a lista estabelecida pelo órgão consultivo <u>consultivo-ecolegiado</u> deliberativo do Sisnama deve ser observada pelos órgãos colegiados deliberativos do Sisnama dos estados, do Distrito Federal e dos municípios, que podem complementá-la; e</p> <p>II – a lista estabelecida pelos órgãos colegiados deliberativos estaduais do Sisnama deve ser observada pelos órgãos colegiados deliberativos municipais do Sisnama, que podem complementá-la.</p> <p>§ 3º Até que sejam definidas as tipologias conforme os §§ <u>§§</u> 1º e 2º deste artigo, cabe à autoridade licenciadora adotar o procedimento em vigor até a data da publicação desta Lei.</p> <p>§ 4º A lista das tipologias de atividades ou empreendimentos sujeitos ao licenciamento ambiental referida nos §§ <u>§§</u> 1º e 2º deste artigo deve ser atualizada sempre que necessário.</p>	<p><u>I - redação</u></p> <p><u>§ 3º - redação</u></p> <p><u>§ 4º - redação</u></p>
<p>Art. 5º O licenciamento ambiental pode resultar nos seguintes tipos de licenças:</p> <p>I – licença prévia (LP);</p> <p>II – licença de instalação (LI);</p> <p>III – licença de operação (LO);</p> <p>IV – licença ambiental única (LAU);</p> <p>V – licença por adesão e compromisso (LAC); e</p> <p>VI – licença de operação corretiva (LOC).</p> <p>§ 1º São requisitos para a emissão da licença</p>	<p>Art. 5º O licenciamento ambiental pode resultar nos seguintes tipos de licenças:</p> <p>I – licença prévia (LP);</p> <p>II – licença de instalação (LI);</p> <p>III – licença de operação (LO);</p> <p>IV – licença ambiental única (LAU);</p> <p>V – licença por adesão e compromisso (LAC); e</p> <p>VI – licença de operação corretiva (LOC).</p> <p>§ 1º São requisitos para a emissão da licença ambiental:</p>	



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>ambiental:</p> <p>I – EIA ou demais estudos ambientais, conforme TR definido pela autoridade licenciadora, para a LP;</p> <p>II – PBA, acompanhado dos elementos de projeto de engenharia e relatório de cumprimento das condicionantes ambientais, conforme cronograma físico, para a LI;</p> <p>III – relatório de cumprimento das condicionantes ambientais, conforme cronograma físico, para a LO;</p> <p>IV – RCA, PCA e elementos técnicos da atividade ou empreendimento, para a LAU;</p> <p>V – RCE, para a LAC; e</p> <p>VI – RCA e PCA, para a LOC.</p> <p>§ 2º Sem prejuízo das disposições desta Lei, tendo em vista a natureza, as características e as peculiaridades da atividade ou empreendimento, podem ser definidas licenças específicas por ato dos órgãos colegiados deliberativos do Sisnama.</p> <p>§ 3º A LI pode autorizar teste operacional ou teste de avaliação prévia dos sistemas de controle de poluição da atividade ou empreendimento.</p> <p>§ 4º Sem prejuízo de outros casos de procedimento bifásico, a LI de empreendimentos lineares destinados aos modais ferroviário e rodoviário, assim como subestações e outras infraestruturas referentes aos serviços de transmissão e distribuição de energia elétrica, a critério do empreendedor, deve contemplar condicionantes que viabilizem o início da operação logo após o término da instalação.</p> <p>§ 5º A critério da autoridade licenciadora, o disposto no § 4º deste artigo pode ser aplicado a minerodutos, gasodutos e oleodutos,.</p>	<p>I – EIA ou demais estudos ambientais, conforme TR definido pela autoridade licenciadora, para a LP;</p> <p>II – PBA, acompanhado dos elementos de projeto de engenharia e relatório de cumprimento das condicionantes ambientais, conforme cronograma físico, para a LI;</p> <p>III – relatório de cumprimento das condicionantes ambientais, conforme cronograma físico, para a LO;</p> <p>IV – RCA, <u>estudo ambiental</u>, PCA e elementos técnicos da atividade ou empreendimento, <u>de projeto de engenharia</u>, para a LAU;</p> <p>V – RCE, para a LAC; e</p> <p>VI – RCA e PCA, para a LOC.</p> <p>§ 2º Sem prejuízo das disposições desta Lei, tendo em vista a natureza, as características e as peculiaridades da atividade ou empreendimento, podem ser definidas licenças específicas por ato dos órgãos colegiados deliberativos do Sisnama.</p> <p>§ 3º A LI pode autorizar teste operacional ou teste de avaliação prévia dos sistemas de controle de poluição da atividade ou empreendimento.</p> <p>§ 4º Sem prejuízo de outros casos de procedimento bifásico, a LI de empreendimentos lineares destinados aos modais ferroviário e rodoviário, assim como subestações e outras infraestruturas referentes aos serviços de transmissão e distribuição de energia elétrica, <u>a critério do empreendedor</u>, deve contemplar condicionantes que viabilizem o início da operação logo após o término da instalação.</p> <p>§ 5º A critério da autoridade licenciadora, o disposto no § 4º deste artigo pode ser aplicado a minerodutos, gasodutos e oleodutos,.</p> <p>§ 6º A LO autoriza atividades de manutenção, reparo ou</p>	<p><u>IV - redação</u></p> <p><u>§ 4º - suprimir a expressão “a critério do empreendedor”, pois a permanência da mesma retira a autoridade do órgão licenciador para avaliar quais condicionantes devem ser incluídas na licença. Essa não pode ser uma atribuição do empreendedor e, caso permaneça, causará elevada insegurança jurídica. O desenho adequado é esse, onde o empreendedor justifica a necessidade e o órgão licenciador decide se é possível antecipar a avaliação dos elementos pertinentes à fase de operação; “a critério do empreendedor” é uma inversão no protagonismo</u></p>
--	---	---



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>§ 6º A LO autoriza atividades de manutenção, reparo ou substituição de peças, máquinas, equipamentos e dutos que não impliquem na alteração dos impactos ambientais identificados e avaliados no âmbito do licenciamento ambiental, mediante comunicação à autoridade licenciadora.</p>	<p><u>substituição de peças, máquinas, equipamentos e dutos que não impliquem na alteração dos impactos ambientais identificados e avaliados no âmbito do licenciamento ambiental, mediante comunicação à autoridade licenciadora.</u></p>	<p><u>do processo.</u> <u>§ 5º - no entanto, esse dispositivo não deve ser estendido para atividades de alto risco de operação como minerodutos, gasodutos e oleodutos.</u> <u>§ 6º - este parágrafo abre a brecha para discricionariedade excessiva do empreendedor.</u></p>
<p>Art. 6o As licenças ambientais devem ser emitidas observados os seguintes prazos de validade: I – para a LP, no mínimo 3 (três) anos e no máximo 6 (seis) anos, considerando o estabelecido pelo cronograma de elaboração dos planos, programas e projetos relativos à atividade ou empreendimento, aprovado pela autoridade licenciadora; II – o prazo de validade da LI e da LP aglutinada à LI do procedimento bifásico (LP/LI) será de no mínimo 3 (três) anos e no máximo 6 (seis) anos, considerando o estabelecido pelo cronograma de instalação da atividade ou empreendimento, aprovado pela autoridade licenciadora; e III – o prazo de validade da LAU, da LO, da LI aglutinada à LO do procedimento bifásico (LI/LO) e da LOC considerará os planos de controle ambiental e será de no mínimo 5 (cinco) anos. § 1º Os prazos previstos no inciso III do <i>caput</i> deste artigo devem ser ajustados pela autoridade licenciadora se a atividade ou empreendimento tiver tempo de finalização inferior a eles. § 2º Os prazos máximos de validade das licenças</p>	<p>Art. 6o As licenças ambientais devem ser emitidas observados os seguintes prazos de validade: I – para a LP, no mínimo 3 (três) anos e no máximo 6 (seis) anos, considerando o estabelecido pelo cronograma de elaboração dos planos, programas e projetos relativos à atividade ou empreendimento, aprovado pela autoridade licenciadora; II – o prazo de validade da LI e da LP aglutinada à LI do procedimento bifásico (LP/LI) será de no mínimo 3 (três) anos e no máximo 6 (seis) anos, considerando o estabelecido pelo cronograma de instalação da atividade ou empreendimento, aprovado pela autoridade licenciadora; e III – o prazo de validade da LAU, da LO, da LI aglutinada à LO do procedimento bifásico (LI/LO) e da LOC considerará os planos de controle ambiental e será de no mínimo 5 (cinco) anos <u>e no máximo de 10 anos.</u> <u>Parágrafo único § 1º</u> Os prazos previstos no inciso III do <i>caput</i> deste artigo devem ser ajustados pela autoridade licenciadora se a atividade ou empreendimento tiver tempo de finalização inferior a eles. <u>§ 2º Os prazos máximos de validade das licenças referidas</u></p>	<p><u>III - A proposta é a inclusão do prazo de 10 anos para que não fique em aberto sem definição de prazo determinado na lei. As mudanças dos contextos sociais, econômicos e ambientais, que geralmente ocorrem a cada 10 anos, implicam na necessidade de verificação e eventual atualização da licença concedida e suas condicionantes (inclusive a retirada de condicionantes para o empreendimento). O estabelecimento de prazo</u></p>

Formatado: Fonte: Negrito, Cor da fonte: Vermelho

Formatado: Fonte: Negrito



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>referidas no inciso III do <i>caput</i> deste artigo devem ser estabelecidos pela autoridade licenciadora, de forma justificada, não podendo ser emitidas licenças por período indeterminado.</p>	<p>no inciso III do <i>caput</i> deste artigo devem ser estabelecidos pela autoridade licenciadora, de forma justificada, não podendo ser emitidas licenças por período indeterminado.</p>	<p>máximo por cada entidade licenciadora poderá acarretar judicialização, pois estabelecerá uma discricionariedade muito ampla e incentivará uma guerra fiscal ambiental entre as unidades da federação e, no limite, casos de corrupção pela possibilidade de adoção de critérios muito elásticos entre empreendimentos similares. <u>§ 2º - adequação da redação por perda de objeto, caso seja definido prazo máximo de 10 anos.</u></p>
<p>Art. 7º A renovação da licença ambiental deve ser requerida com antecedência mínima de 120 (cento e vinte) dias da expiração de seu prazo de validade fixado na respectiva licença, ficando este automaticamente prorrogado até a manifestação definitiva da autoridade licenciadora. § 1º As licenças ambientais podem ser renovadas sucessivamente, respeitados em cada renovação os prazos máximos previstos no art. 6º desta Lei. § 2º A renovação da licença deve observar as seguintes condições: I – a da LP e da LI é precedida de análise sobre a manutenção ou não das condições que lhe deram origem; e II – a da LO é precedida de análise da efetividade das ações de controle e monitoramento adotadas, determinando-se os devidos ajustes, se necessários. § 3º Na renovação da LAU, da LP/LI e da LI/LO, aplicam-se, no que couberem, as disposições dos §§ 1º e 2º deste artigo. § 4º A licença ambiental pode ser prorrogada automaticamente, por igual período, sem a</p>	<p>Art. 7º A renovação da licença ambiental deve ser requerida com antecedência mínima de 120 (cento e vinte) dias da expiração de seu prazo de validade fixado na respectiva licença, ficando este automaticamente prorrogado até a manifestação definitiva da autoridade licenciadora. § 1º As licenças ambientais podem ser renovadas sucessivamente, respeitados em cada renovação os prazos máximos previstos no art. 6º desta Lei. § 2º A renovação da licença deve observar as seguintes condições: I – a da LP e da LI é precedida de análise sobre a manutenção ou não das condições que lhe deram origem; e II – a da LO é precedida de análise da efetividade das ações de controle e monitoramento adotadas, determinando-se os devidos ajustes, se necessários. § 3º Na renovação da LAU, da LP/LI e da LI/LO, aplicam-se, no que couberem, as disposições dos §§ 1º e 2º deste artigo. <u>§ 4º A licença ambiental pode ser prorrogada automaticamente, por igual período, sem a necessidade</u></p>	<p>A proposta de supressão do § 4º - supressão total deste parágrafo devido ao, é motivada pelo princípio da precaução, uma vez que podem ocorrer mudanças sociais, econômicas e ambientais que demandem a adequação das condicionantes à nova realidade, evitando-se dessa forma eventuais impactos negativos, prejuízos econômicos e sociais e judicialização do processo. Esses parágrafos confundem os institutos da prorrogação automática (definida no caput) e uma possível “renovação automática”. No entanto, não pode haver tamanha inversão na responsabilidade do processo, com o empreendedor podendo atestar, de modo declaratório, que está cumprindo as condicionantes.</p>



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>necessidade da análise prevista no § 2º deste artigo, a partir de declaração do empreendedor em formulário disponibilizado na <i>internet</i>, desde que atendidas simultaneamente as seguintes condições:</p> <p>I – as características e o porte da atividade ou empreendimento não tenham sido alterados;</p> <p>II – a legislação ambiental aplicável à atividade ou empreendimento não tenha sido alterada; e</p> <p>III – as condicionantes ambientais aplicáveis tenham sido cumpridas ou, se ainda em curso, estejam sendo cumpridas conforme o cronograma aprovado pela autoridade licenciadora.</p> <p>§ 5º A prorrogação automática prevista no § 4º deste artigo pode ser aplicada à LP, por uma vez e limitada a 50% (cinquenta por cento) do prazo original.</p>	<p>da análise prevista no § 2º deste artigo, a partir de declaração do empreendedor em formulário disponibilizado na <i>internet</i>, desde que atendidas simultaneamente as seguintes condições:</p> <p>I – as características e o porte da atividade ou empreendimento não tenham sido alterados;</p> <p>II – a legislação ambiental aplicável à atividade ou empreendimento não tenha sido alterada; e</p> <p>III – as condicionantes ambientais aplicáveis tenham sido cumpridas ou, se ainda em curso, estejam sendo cumpridas conforme o cronograma aprovado pela autoridade licenciadora.</p> <p>§ 5º A prorrogação automática prevista no § 4º deste artigo pode ser aplicada à LP, por uma vez e limitada a 50% (cinquenta por cento) do prazo original.</p> <p>§ 4º A autoridade licenciadora poderá definir procedimento simplificado para as análises definidas no § 2º, quando forem implementados mecanismos de avaliação continuada de desempenho ambiental dos empreendimentos, como sistemas informatizados de relatoria, auditorias ambientais ou vistorias regulares.</p>	<p>O novo parágrafo 4º proposto busca permitir a simplificação do processo de renovação ao tempo que estimula um acompanhamento pós-licença mais continuado.</p>
<p>Art. 8º Não estão sujeitas a licenciamento ambiental as seguintes atividades ou empreendimentos</p> <p>I – de caráter militar previstos no preparo e emprego das Forças Armadas, conforme disposto na Lei Complementar nº 97, de 9 de junho de 1999, nos termos de ato do Poder Executivo;</p> <p>II – serviços e obras direcionados à melhoria, modernização, e manutenção de infraestrutura de transportes em instalações pré-existentes ou em faixas de domínio e de servidão, incluindo dragagens</p>	<p>Art. 8º Não estão sujeitas a licenciamento ambiental as seguintes atividades ou empreendimentos</p> <p>I – de caráter militar previstos no preparo e emprego das Forças Armadas, conforme disposto na Lei Complementar nº 97, de 9 de junho de 1999, nos termos de ato do Poder Executivo;</p> <p>II – serviços e obras direcionados à melhoria, modernização, e manutenção de infraestrutura de transportes em instalações pré-existentes ou em faixas de domínio e de servidão, incluindo dragagens de</p>	<p><u>Caput - delegar aos órgãos colegiados do Sisnama a competência para estabelecer as atividades não sujeitas a licenciamento ambiental, pois, num país com as dimensões e diversidade do Brasil, não é possível estabelecer, por tipologias e para todo o território nacional, essa lista.</u></p> <p>II - mMudar para o art. 10 os serviços e obras constante no inciso II, em função da amplitude dos termos utilizados que podem levar à</p>

Formatado: Fonte: Negrito, Cor da fonte: Vermelho

Formatado: Fonte: Negrito



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>de manutenção; III – que não se incluam na lista de atividades ou empreendimentos qualificados como utilizadores de recursos ambientais, efetiva ou potencialmente poluidores ou capazes, sob qualquer forma, de causar degradação do meio ambiente, estabelecida pelos entes federativos na forma dos §§ 1º a 4º do art. 4º desta Lei. § 1º O empreendedor pode solicitar declaração da autoridade licenciadora da não sujeição de atividade ou empreendimento ao licenciamento ambiental, nos termos deste artigo. § 2º As não sujeições ao licenciamento ambiental não eximem o empreendedor da obtenção de autorização de supressão de vegetação, outorga dos direitos de uso de recursos hídricos ou outras licenças, autorizações ou outorgas previstas em legislação.</p>	<p>manutenção; III – que não se incluam na lista de atividades ou empreendimentos qualificados como utilizadores de recursos ambientais, efetiva ou potencialmente poluidores ou capazes, sob qualquer forma, de causar degradação do meio ambiente, estabelecida pelos <u>órgãos colegiados deliberativos do SISNAMA</u> entes federativos na forma dos §§ 1º a 4º do art. 4º desta Lei. § 1º O empreendedor pode solicitar declaração da autoridade licenciadora da não sujeição de atividade ou empreendimento ao licenciamento ambiental, nos termos deste artigo. § 2º As não sujeições ao licenciamento ambiental não eximem o empreendedor da obtenção de autorização de supressão de vegetação, outorga dos direitos de uso de recursos hídricos ou outras licenças, autorizações ou outorgas previstas em legislação.</p>	<p>realização de obras que impliquem no aumento de capacidade e impactos negativos relevantes, que necessitariam de avaliação do órgão licenciador, mesmo que de forma mais expedita como dispõe o art. 10. <u>O inciso III – redação está incongruente com os §§ 1º a 4º do art. 4º desta Lei que corretamente se referem aos órgãos colegiados deliberativos do SISNAMA</u>.</p>
<p>Art. 9º A validação da inscrição no Cadastro Ambiental Rural (CAR), previsto na Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012, é considerada licença ambiental para as atividades de cultivo de espécies agrossilvipastoris, com culturas perenes, semiperenes ou temporárias, de silvicultura de florestas plantadas e pecuária extensiva, respeitadas as demais normas ambientais vigentes. § 1º Enquanto não validado o CAR pelo órgão competente, ou enquanto não terminado o prazo para adesão ao Programa de Regularização Ambiental e o período estipulado para seu cumprimento, a inscrição no CAR tem efeitos de licença, consoante o disposto no <i>caput</i> deste artigo,</p>	<p>Art. 9º A validação da inscrição no Cadastro Ambiental Rural (CAR), previsto na Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012, é considerada licença ambiental para as atividades de cultivo de espécies agrossilvipastoris, com culturas perenes, semiperenes ou temporárias, de silvicultura de florestas plantadas e pecuária extensiva, respeitadas as demais normas ambientais vigentes. § 1º Enquanto não validado o CAR pelo órgão competente, ou enquanto não terminado o prazo para adesão ao Programa de Regularização Ambiental e o período estipulado para seu cumprimento, a inscrição no CAR tem efeitos de licença, consoante o disposto no caput deste artigo, ainda que haja déficit de vegetação nativa na propriedade ou posse rural.</p>	<p><u>Manter o texto da versão 2, com a inclusão do § 3º da versão 3, com as alterações propostas pela sociedade civil que garantem maior segurança jurídica em função de deliberações recentes do STF (ADI n.º 1086-7/SC, de 2011, e ADI n.º 5312/TO, de 2018).</u></p>



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>ainda que haja déficit de vegetação nativa na propriedade ou posse rural.</p> <p>§ 2º Decorridos os prazos mencionados no § 1º deste artigo, a obrigatoriedade de recomposição da vegetação nativa na propriedade ou posse rural impede a concessão da licença nos exatos limites da área a ser recomposta ou, em caso de compensação, em percentual de área equivalente.</p> <p>§ 3º Para a supressão de vegetação nativa, é necessária autorização específica do órgão competente do Sisnama, não se aplicando o disposto no <i>caput</i> deste artigo e ressalvado o disposto no art. 52 da Lei nº 12.651, de 2012.</p> <p>§ 4º A inscrição no CAR não pode ser exigida como requisito para a licença de atividades ou empreendimentos de infraestrutura de transportes e energia que sejam instalados na propriedade ou posse rural, mas não tenham relação com as atividades referidas no <i>caput</i> deste artigo.</p>	<p>§ 2º Decorridos os prazos mencionados no § 1º deste artigo, a obrigatoriedade de recomposição da vegetação nativa na propriedade ou posse rural impede a concessão da licença nos exatos limites da área a ser recomposta ou, em caso de compensação, em percentual de área equivalente.</p> <p>§ 3º Para a supressão de vegetação nativa, é necessária autorização específica do órgão competente do Sisnama, não se aplicando o disposto no <i>caput</i> deste artigo e ressalvado o disposto no art. 52 da Lei nº 12.651, de 2012.</p> <p>§ 4º A inscrição no CAR não pode ser exigida como requisito para a licença de atividades ou empreendimentos de infraestrutura de transportes e energia que sejam instalados na propriedade ou posse rural, mas não tenham relação com as atividades referidas no <i>caput</i> deste artigo.</p> <p><u>Art. 9º O licenciamento ambiental para as atividades de cultivo de espécies de interesse agrícola, agrossilvipastoris, com culturas perenes, semiperenes ou temporárias, de silvicultura de florestas plantadas e pecuária extensiva em áreas de uso alternativo do solo não delimitadas como reserva legal ou áreas de preservação permanente, nos termos da Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012, deve ser realizado por meio do Sistema de Cadastro Rural (Sicar), com adoção da licença por adesão e compromisso prevista no art. 223 desta Lei.</u></p> <p><u>§ 1º O licenciamento da pecuária intensiva pode ser realizado na forma estabelecida no <i>caput</i> deste artigo nos casos de baixo impacto ambiental definidos pelos órgãos colegiados deliberativos do Sisnama, respeitados os critérios previstos no art. 232 desta Lei.</u></p> <p><u>§ 2º A pequena propriedade ou posse rural, definida na</u></p>	
--	--	--



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

	<p>Lei nº 8.629, de 25 de fevereiro de 1993, não é passível de licenciamento ambiental para as atividades referidas no <u>caput deste artigo.</u></p> <p>§ 3º Fica estabelecido o prazo de 2 (dois) anos, contado da data de entrada em vigor desta Lei, para a adequação do Sicar ao licenciamento ambiental previsto no <u>caput deste artigo.</u></p> <p>§ 4º A emissão da LAC não exige o empreendedor da <u>obtenção de outras licenças, autorizações ou outorgas previstas em normas ambientais vigentes.</u></p> <p>§ 54º Para a supressão de vegetação nativa, é necessária <u>autorização específica do órgão competente do Sisnama, não se aplicando o disposto no caput deste artigo e ressalvado o disposto no art. 52 da Lei nº 12.651, de 2012.</u></p>	
<p>Art. 10. O licenciamento ambiental de serviços e obras direcionados à ampliação de capacidade em instalações pré-existentes ou em faixas de domínio e de servidão deve ser precedido de apresentação de relatório de caracterização do empreendimento (RCE).</p> <p>§ 1º Com base no RCE, a autoridade licenciadora deve definir os estudos ambientais a serem apresentados pelo empreendedor, assegurado o aproveitamento das análises técnicas anteriores, se mantidas as condições da licença de origem, conforme critérios definidos pela autoridade licenciadora.</p> <p>§ 2º Se necessária a apresentação de EIA, a autoridade licenciadora pode excluir do TR a análise de alternativas locais e outros conteúdos não aplicáveis à atividade ou empreendimento.</p>	<p>Art. 10. O licenciamento ambiental de serviços e obras direcionados à melhoria, modernização, manutenção ou ampliação de capacidade em instalações pré-existentes ou em faixas de domínio e de servidão, incluindo dragagens de manutenção, deve ser precedido de apresentação de relatório de caracterização do empreendimento (RCE).</p> <p>§ 1º Com base no RCE, a autoridade licenciadora deve definir os estudos ambientais a serem apresentados pelo empreendedor, assegurado o aproveitamento das análises técnicas anteriores, se mantidas as condições da licença de origem, conforme critérios definidos pela autoridade licenciadora.</p> <p>§ 2º Se necessária a apresentação de EIA, a autoridade licenciadora pode excluir do TR a análise de alternativas locais e outros conteúdos não aplicáveis à atividade ou empreendimento.</p>	<p>Caput - A proposta de inclusão dos serviços e obras anteriormente contemplados no inciso II do art. 8 da palavra (melhoria, “modernização”, manutenção e dragagens de manutenção) visa reconhecer que há necessidade de dar celeridade aos processos licenciadores sem perder a perspectiva da segurança e qualidade dos mesmos, evitando a judicialização.</p>



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>Art. 11. A autoridade licenciadora deve assegurar procedimento simplificado e prioridade na análise para o licenciamento ambiental das atividades ou empreendimentos de saneamento básico abrangidos pela Lei nº 11.445, de 5 de janeiro de 2007. Parágrafo único. A exigência de EIA para o licenciamento ambiental das atividades e empreendimentos referidos no <i>caput</i> deste artigo somente deve ocorrer em situações excepcionais, devidamente justificadas pela autoridade licenciadora.</p>	<p>Art. 11. A autoridade licenciadora deve assegurar procedimento simplificado e prioridade na análise para o licenciamento ambiental das atividades ou empreendimentos de saneamento básico abrangidos pela Lei nº 11.445, de 5 de janeiro de 2007, <u>respeitados os casos de EIA.</u> <u>Parágrafo único. A exigência de EIA para o licenciamento ambiental das atividades e empreendimentos referidos no caput deste artigo somente deve ocorrer em situações excepcionais, devidamente justificadas pela autoridade licenciadora. O licenciamento ambiental das atividades e empreendimentos que lancem seu efluentes líquidos em corpo hídrico receptor deve incluir em suas condicionantes, expressamente, a outorga dos direitos de uso de recursos hídricos para fins de diluição, transporte e destinação final, na forma da Lei nº 9.433, de 8 de janeiro de 1997.</u></p>	<p><u>Caput – apesar de ter muitos impactos positivos, o saneamento também pode ocasionar impactos negativos e riscos ao meio ambiente e à saúde da população, podendo, em alguns casos, necessitar da elaboração de EIAs.</u></p> <p><u>Parágrafo único – os casos de EIA deverão ser definidos pela autoridade licenciadora; além disso, é fundamental que haja a integração com a política de recursos hídricos.</u></p>
<p>Art. 12. No licenciamento ambiental de competência municipal ou distrital, a aprovação do projeto de atividade ou empreendimento deve ocorrer mediante a emissão de licença urbanística e ambiental integrada nos seguintes casos: I – regularização ambiental ou fundiária de assentamentos urbanos, ou urbanização de núcleos urbanos informais; II – parcelamento de solo urbano; III – instalações necessárias ao abastecimento público de água potável, desde a captação até as ligações prediais; e IV – instalações operacionais de coleta, transporte e tratamento de esgoto.</p>	<p>Art. 12. No licenciamento ambiental de competência municipal ou distrital, a aprovação do projeto de atividade ou empreendimento deve ocorrer mediante a emissão de licença urbanística e ambiental integrada nos seguintes casos: I – regularização ambiental ou fundiária de assentamentos urbanos, ou urbanização de núcleos urbanos informais; II – parcelamento de solo urbano; III – instalações necessárias ao abastecimento público de água potável, desde a captação até as ligações prediais; e IV – instalações operacionais de coleta, transporte e tratamento de esgoto.</p>	



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>Art. 13. O gerenciamento dos impactos e a fixação de condicionantes das licenças ambientais devem atender à seguinte ordem de prioridade:</p> <p>I – evitar os impactos ambientais negativos;</p> <p>II – minimizar os impactos ambientais negativos; e</p> <p>III – compensar os impactos ambientais negativos, na impossibilidade de observância dos incisos I e II do <i>caput</i> deste artigo.</p> <p>§ 1º As condicionantes ambientais devem ter fundamentação técnica que aponte a relação direta com os impactos ambientais da atividade ou empreendimento identificados nos estudos requeridos no licenciamento ambiental, considerando os meios físico, biótico e socioeconômico, bem como ser proporcionais à magnitude desses impactos.</p> <p>§ 2º As atividades ou empreendimentos com áreas de influência total ou parcialmente sobrepostas podem, a critério da autoridade licenciadora, ter as condicionantes ambientais executadas de forma integrada, desde que definidas formalmente as responsabilidades por seu cumprimento.</p> <p>§ 3º O disposto no § 2º deste artigo pode ser aplicado a atividades ou empreendimentos sob responsabilidade de autoridades licenciadoras distintas, desde que haja acordo de cooperação técnica firmado entre elas.</p> <p>§ 4º As condicionantes estabelecidas no licenciamento ambiental não podem obrigar o empreendedor a operar serviços de responsabilidade do poder público.</p> <p>§ 5º O empreendedor pode solicitar, de forma fundamentada, no prazo de 30 (trinta) dias, a revisão</p>	<p>Art. 13. O gerenciamento dos impactos e a fixação de condicionantes das licenças ambientais devem atender à seguinte ordem de prioridade, <u>aplicando-se, em todos os casos, a diretriz de maximização dos impactos positivos da atividade ou empreendimento</u>:</p> <p>I – evitar os impactos ambientais negativos;</p> <p>II – minimizar os impactos ambientais negativos; e</p> <p>III – compensar os impactos ambientais negativos, na impossibilidade de observância dos incisos I e II do <i>caput</i> deste artigo.</p> <p>§ 1º As condicionantes ambientais devem ter fundamentação técnica que aponte a relação direta com os impactos ambientais da atividade ou empreendimento identificados nos estudos requeridos no licenciamento ambiental, considerando os meios físico, biótico e socioeconômico, bem como ser proporcionais à magnitude desses impactos.</p> <p><u>§ 2º As condicionantes ambientais podem prever a compensação dos impactos negativos inevitáveis por meio da manutenção ou apoio a programas de pagamento por serviços ambientais que beneficiem a área de influência da atividade ou empreendimento.</u></p> <p>§ 2º As atividades ou empreendimentos com áreas de influência total ou parcialmente sobrepostas podem, a critério da autoridade licenciadora, ter as condicionantes ambientais executadas de forma integrada, desde que definidas formalmente as responsabilidades por seu cumprimento.</p> <p>§ 3º O disposto no § 2º deste artigo pode ser aplicado a atividades ou empreendimentos sob responsabilidade de autoridades licenciadoras distintas, desde que haja acordo de cooperação técnica firmado entre elas.</p> <p>§ 4º As condicionantes estabelecidas no licenciamento</p>	<p><u>Caput – deve-se sempre ressaltar a importância de maximizar os impactos positivos, muitas vezes esquecidos.</u></p> <p><u>§ 1º - idem art. 3º, inciso II.</u></p> <p><u>§ 2º - instrumentos econômicos são muito importantes para a implementação da Política Nacional de Meio Ambiente, especialmente quando de forma complementar aos demais instrumentos de comando e controle e no caso de impactos negativos inevitáveis, mas, na prática, muito pouco incentivados.</u></p> <p><u>§ 3º - A proposta de a retirada da condição “desde que haja acordo de cooperação técnica firmado entre elas” do § 3º, objetiva busca desburocratizar procedimentos ao evitar que o processo licenciador seja prejudicado pela</u></p>
---	--	--



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>das condicionantes ambientais ou do seu prazo, recurso que deve ser respondido no mesmo prazo, de forma motivada, pela autoridade licenciadora, que pode readequar seus parâmetros de execução, suspendê-las, cancelá-las ou incluir outras condicionantes.</p> <p>§ 6º A autoridade licenciadora pode conferir efeito suspensivo ao recurso previsto no § 5º deste artigo, ficando a condicionante objeto do recurso sobrestada até a sua manifestação final.</p> <p>§ 7º O descumprimento de condicionantes da licença ambiental, sem a devida justificativa técnica, sujeita o empreendedor às sanções penais e administrativas previstas na Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, e seu regulamento, ou na legislação estadual ou municipal correlata, sem prejuízo da obrigação de reparar os danos causados.</p>	<p>ambiental não podem obrigar o empreendedor a operar serviços de responsabilidade do poder público, <u>salvo em situações temporárias, transitórias ou excepcionais, devidamente registrada em instrumento formal de cooperação entre o empreendedor e o poder público incumbente, limitadas a atividade ou empreendimento potencialmente causador de significativa degradação do meio ambiente, por decisão motivada da autoridade licenciadora.</u></p> <p>§ 5º O empreendedor, <u>o Ministério Público, a Defensoria Pública ou pessoa potencialmente impactada</u> pode solicitar, de forma fundamentada, no prazo de 30 (trinta) dias, a revisão das condicionantes ambientais ou do seu prazo, recurso que deve ser respondido no mesmo prazo, de forma motivada, pela autoridade licenciadora, que, <u>se for o caso</u>, pode readequar seus parâmetros de execução, suspendê-las, cancelá-las ou incluir outras condicionantes.</p> <p>§ 6º A autoridade licenciadora pode conferir efeito suspensivo ao recurso previsto no § 5º deste artigo, ficando a condicionante objeto do recurso sobrestada até a sua manifestação final.</p> <p>§ 7º O descumprimento de condicionantes da licença ambiental, sem a devida justificativa técnica, sujeita o empreendedor às sanções penais e administrativas previstas na Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, e seu regulamento, ou na legislação estadual ou municipal correlata, sem prejuízo da obrigação de reparar os danos causados.</p>	<p>obrigatoriedade de mais um ato, sendo que o mesmo poderá ser realizado entre as partes <u>por meio de</u> outros instrumentos de formalização de parceria, a exemplo de ata de reunião ou carta de intenções.</p> <p>No-§ 4º → a proposta é de inclusão da expressão “salvo nos casos em que houver medidas de transição acordadas entre as partes” objetiva a garantia do cumprimento das responsabilidades legais estabelecidas no ato licenciador sem acarretar prejuízos à população que, na maioria das vezes, fica vulnerável quando o poder público não está estruturado ou não pode assumir a operação de um determinado serviço público e necessita de um tempo para <u>adequação de adequar.</u></p> <p>§ 5º - <u>não apenas o empreendedor pode pedir a revisão das condicionantes, há outros atores importantes que devem ter essa prerrogativa. Em situações mais complexas, o prazo de 30 dias pode ser insuficiente para a resposta da autoridade licenciadora que eventualmente pode inclusive ter que consultar outros órgão públicos e atores sociais.</u></p> <p>§ 6º-- <u>o efeito suspensivo, na prática, pode significar um incentivo indevido á procrastinação e ao não atendimento das condicionantes, prejudicando o meio ambiente e populações afetadas, muitas vezes, de maneira irreversível, levando à judicialização.</u></p>
---	--	--

Formatado: Fonte: Negrito, Cor da fonte: Vermelho



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

		§ 7º - <u>[REVER ESSA EXCLUSÃO]</u>
<p>Art. 14. A autoridade licenciadora pode exigir do empreendedor no âmbito do licenciamento ambiental, de forma motivada e sem prejuízo das condicionantes ambientais previstas no art. 13 desta Lei, uma ou mais das seguintes medidas:</p> <p>I – manutenção de técnico ou equipe especializada responsável pela atividade ou empreendimento como um todo ou apenas por um setor ou área de atuação específicos, de forma a garantir sua adequação ambiental;</p> <p>II – realização de auditorias ambientais independentes, de natureza específica ou periódica;</p> <p>15</p> <p>III – elaboração de relatório de incidentes durante a instalação e operação da atividade ou empreendimento, incluindo eventos que possam acarretar acidentes ou desastres; ou</p> <p>IV – contratação de especialistas que possam auxiliar a autoridade licenciadora em análises técnicas complexas ou que dependam de conhecimentos especializados.</p> <p>Parágrafo único. Os especialistas mencionados no inciso IV do <i>caput</i> deste artigo respondem apenas à autoridade licenciadora, que deve ficar responsável por sua seleção e pela definição do termo de referência para sua contratação.</p>	<p>Art. 14. A autoridade licenciadora pode exigir do empreendedor no âmbito do licenciamento ambiental, de forma motivada e sem prejuízo das condicionantes ambientais previstas no art. 13 desta Lei, uma ou mais das seguintes medidas:</p> <p>I – manutenção de técnico ou equipe especializada responsável pela atividade ou empreendimento como um todo ou apenas por um setor ou área de atuação específicos, de forma a garantir sua adequação ambiental;</p> <p>II – realização de auditorias ambientais independentes, de natureza específica ou periódica;</p> <p>III – elaboração de relatório de incidentes durante a instalação e operação da atividade ou empreendimento, incluindo eventos que possam acarretar acidentes ou desastres;ou</p> <p><u>IV – comprovação de certificação ambiental de processos, produtos, serviços e sistemas relacionados à atividade ou empreendimento;</u></p> <p><u>V – apresentação de caução, seguro, fiança ou outras garantias financeiras ou reais para a eventual necessidade de reparação de danos à vida humana, ao meio ambiente ou ao patrimônio público, nos casos de alto risco ambiental ou em outras situações em que a medida se fizer necessária, conforme critérios definidos pela autoridade licenciadora; ou</u></p> <p>IV – contratação de especialistas que possam auxiliar a autoridade licenciadora em análises técnicas complexas ou que dependam de conhecimentos especializados.</p> <p>Parágrafo único. Os especialistas mencionados no inciso IV <u>de <i>caput</i> deste artigo</u> responderão apenas à autoridade licenciadora, que deve ficar responsável por</p>	<p><u>IV e V – mais garantias para o processo.</u></p> <p><u>Parágrafo único - redação</u></p>

Formatado: Fonte: Negrito, Cor da fonte: Vermelho



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

	sua seleção e pela definição do termo de referência para sua contratação.	
<p>Art. 15. Caso sejam adotadas, pelo empreendedor, novas tecnologias, programas voluntários de gestão ambiental ou outras medidas que comprovadamente permitam alcançar resultados mais rigorosos do que os padrões e critérios estabelecidos pela legislação ambiental, a autoridade licenciadora pode, mediante decisão motivada, estabelecer condições especiais no processo de licenciamento ambiental, incluindo:</p> <p>I – priorização das análises, objetivando redução de prazos;</p> <p>II – dilação de prazos de renovação da LO, LI/LO ou LAU em até 100% (cem por cento); ou</p> <p>III – outras consideradas cabíveis, a critério do órgão consultivo e deliberativo do Sisnama.</p>	<p>Art. 15. <u>Sem prejuízo da exigência de EIA nos termos desta Lei,</u> Caso sejam adotadas, pelo empreendedor, novas tecnologias, programas voluntários de gestão ambiental ou outras medidas que comprovadamente permitam alcançar resultados mais rigorosos do que os padrões e critérios estabelecidos pela legislação ambiental, a autoridade licenciadora pode, mediante decisão motivada, estabelecer condições especiais no processo de licenciamento ambiental, incluindo:</p> <p>I – priorização das análises, objetivando redução de prazos;</p> <p>II – dilação de prazos de renovação da LO, LI/LO ou LAU em até 10050% (cem cinquenta por cento); ou</p> <p>III – outras consideradas cabíveis, a critério do órgão consultivo e deliberativo do Sisnama.</p> <p><u>-Parágrafo único. As medidas previstas no caput deste artigo:</u></p> <p><u>I – podem ser estendidas, com justificativa técnica, para atividade ou empreendimento que:</u></p> <p>a) <u>possua seguro, caução, fiança ou outras formas de garantias financeiras ou reais para a eventual necessidade de reparação de danos, se essa medida não for estabelecida como obrigatória por legislação ou pela autoridade licenciadora na forma do inciso V do caput do art. 14 desta Lei; ou</u></p> <p>b) <u>assegure melhoria das condições de saneamento ambiental.</u></p> <p><u>II – podem fundamentar reconhecimento da prestação de serviços ambientais, aptos a serem utilizados como medidas compensatórias em outra atividade ou</u></p>	<p><u>Caput – redação</u></p> <p><u>II – dilação excessiva pode prejudicar meio ambiente.</u></p> <p><u>Parágrafo único – mais incentivos para adequação dos empreendimentos a práticas sustentáveis e mais seguras.</u></p>



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

	<p><u>empreendimento, na forma do regulamento.</u></p>	
<p>Art. 16. A autoridade licenciadora pode, mediante decisão motivada, suspender ou cancelar a licença ambiental expedida, mantida a exibibilidade das condicionantes ambientais, quando ocorrerem:</p> <p>I – omissão relevante ou falsa descrição de informações determinantes para a emissão da licença;</p> <p>II – superveniência de graves riscos ambientais ou de saúde pública; ou</p> <p>III – acidentes que efetiva ou potencialmente gerem dano ambiental significativo.</p> <p>§ 1º As condicionantes ambientais e as medidas de controle podem ser modificadas pela autoridade licenciadora, mediante decisão motivada:</p> <p>I – na ocorrência de impactos negativos imprevistos;</p> <p>II – quando caracterizada sua não efetividade técnica;</p> <p>III – na renovação da LO, da LI/LO ou da LAU, em razão de alterações na legislação ambiental, garantidos o direito adquirido e o ato jurídico perfeito;</p> <p>IV – a pedido do empreendedor, na forma do § 5º do art. 13 desta Lei.</p> <p>§ 2º O disposto no <i>caput</i> deste artigo deve ser aplicado sem prejuízo da possibilidade de suspensão ou cancelamento de licença ambiental como sanção restritiva de direito, conforme previsto no § 7º do art. 13 desta Lei, respeitada a devida gradação das penalidades.</p>	<p>Art. 16. A autoridade licenciadora pode, mediante decisão motivada, suspender ou cancelar a licença ambiental expedida, mantida a exibibilidade das condicionantes ambientais, quando ocorrerem:</p> <p>I – omissão relevante ou falsa descrição de informações determinantes para a emissão da licença;</p> <p>II – superveniência de graves riscos ambientais ou de saúde pública; ou</p> <p>III – acidentes <u>isolados ou recorrentes</u> que efetiva ou potencialmente gerem dano ambiental significativo.</p> <p><u>IV – na ocorrência de impactos negativos graves imprevistos.</u></p> <p>§ 1º As condicionantes ambientais e as medidas de controle podem ser modificadas pela autoridade licenciadora, mediante decisão motivada:</p> <p>I – na ocorrência de impactos negativos imprevistos;</p> <p>II – quando caracterizada sua não efetividade técnica;</p> <p>III – na renovação da LO, da LI/LO ou da LAU, <u>em razão de alterações na legislação ambiental, garantidos o direito adquirido e o ato jurídico perfeito;</u></p> <p>IV – a pedido do empreendedor, <u>do Ministério Público, da Defensoria Pública ou de pessoa potencialmente impactada, conforme o na forma</u> do § 5º do art. 13 desta Lei.</p> <p>§ 2º O disposto no <i>caput</i> deste artigo deve ser aplicado sem prejuízo da possibilidade de suspensão ou cancelamento de licença ambiental como sanção restritiva de direito, conforme previsto no § 6º^{7º} do art. 13 desta Lei, respeitada a devida gradação das penalidades.</p>	<p><u>III – muitas vezes é impossível quantificar a priori o dano ambiental, se significativo ou não, mas o princípio da precaução impõe a possibilidade da autoridade licenciadora, de forma motivada, suspender ou cancelar a licença ambiental.</u></p> <p><u>A inclusão do inciso IV – inclusão objetiva a garantia que em casos não previstos de impactos negativos graves se tome medidas que assegurem a qualidade do ambiente e das populações.</u></p> <p><u>III- A proposta de supressão no item III da expressão “; em razão de alterações na legislação ambiental, garantidos o direito adquirido e o ato jurídico perfeito” objetiva evitar a a não <u>evitar a a não</u> controvérsia jurídica e com isso aumento da <u>controvérsia jurídica e com isso aumento da</u> judicialização d^{ose} <u>processos de licenciamento, pois deve-se manter a prerrogativa da autoridade licenciadora em avaliar a inclusão, alteração ou retirada de condicionantes. licenciadores.</u></u></p> <p><u>IV – idem § 5º do art. 13</u></p>



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>Art. 17. O licenciamento ambiental independe da emissão da certidão de uso, parcelamento e ocupação do solo urbano emitida pelos municípios, bem como de autorizações e outorgas de órgãos não integrantes do Sisnama, sem prejuízo do atendimento, pelo empreendedor, da legislação aplicável a esses atos administrativos.</p> <p>Parágrafo único. A aplicação do disposto no <i>caput</i> deste artigo não desobriga o empreendedor do atendimento da legislação aplicável aos referidos atos administrativos, nem de os estudos referentes ao licenciamento ambiental levarem em consideração o Plano Diretor municipal referido no § 1º do art. 182 da Constituição Federal ou na legislação dele decorrente.</p>	<p>Art. 17. O licenciamento ambiental independe da emissão da certidão de uso, parcelamento e ocupação do solo urbano emitida pelos municípios, bem como de autorizações e outorgas de órgãos não integrantes do Sisnama, sem prejuízo do atendimento, pelo empreendedor, da legislação aplicável a esses atos administrativos.</p> <p>Parágrafo único. A aplicação do disposto no <i>caput</i> deste artigo não desobriga o empreendedor do atendimento da legislação aplicável aos referidos atos administrativos, nem de os estudos referentes ao licenciamento ambiental levarem em consideração o Plano Diretor municipal referido no § 1º do art. 182 da Constituição Federal ou na legislação dele decorrente.</p> <p><u>§ 1º O município ou órgãos citados no <i>caput</i> devem apresentar manifestação conclusiva para subsidiar a autoridade licenciadora no prazo máximo equivalente a 25% (vinte e cinco por cento) do prazo concedido a esta, contado da data de recebimento da solicitação.</u></p> <p><u>§ 2º O município ou órgãos citados no <i>caput</i> podem solicitar, motivadamente, a prorrogação do prazo previsto no § 1º por no máximo 30 (trinta) dias.</u></p> <p><u>§ 3º No caso de julgar pelo descabimento total ou parcial da manifestação do município ou dos órgãos citados no <i>caput</i>, a autoridade licenciadora deve apresentar a devida motivação ao município ou aos órgãos que se manifestaram, que podem reconsiderar ou manterem sua manifestação, sem prejuízo de outras tratativas que se mostrem necessárias para dirimir as divergências.</u></p> <p><u>§ 4º A ausência de manifestação do município ou dos órgãos citados no <i>caput</i>, no prazo estabelecido nos §§ 1º e 2º deste artigo, não obsta o andamento do licenciamento, nem a expedição da licença ambiental.</u></p>	<p><u>Os municípios detêm, por força da Constituição e do Estatuto das Cidades, autonomia para regular o uso, parcelamento e ocupação do solo urbano e não podem serem ignorados no processo de licenciamento. No entanto, é importante regulamentar, de maneira análoga às autoridades envolvidas, essa participação de maneira a favorecer a celeridade do licenciamento. Da mesma forma, a concessão de outorgas de recursos hídricos é cada vez mais necessária no contexto de crise hídrica.</u></p>
--	---	---



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>Seção 2 Dos Procedimentos Art. 18. O licenciamento ambiental pode ocorrer pelo procedimento trifásico, simplificado, por adesão e compromisso ou corretivo. § 1º O procedimento de licenciamento e o estudo ambiental a serem exigidos devem ser definidos pelos órgãos colegiados deliberativos do Sisnama, no âmbito das competências definidas na Lei Complementar nº 140, de 2011, por meio do enquadramento da atividade ou empreendimento de acordo com os critérios de natureza, porte e potencial poluidor, podendo ser consideradas a relevância e a fragilidade ambiental da região de implantação. § 2º O procedimento de licenciamento ambiental deve ser compatibilizado com as etapas de planejamento, implantação e operação da atividade ou empreendimento, considerando, quando houver, os instrumentos de planejamento territorial disponíveis, como o Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE) e a AAE.</p>	<p>Seção 2 Dos Procedimentos Art. 18. O licenciamento ambiental pode ocorrer pelo procedimento trifásico, simplificado, por adesão e compromisso ou corretivo. § 1º O procedimento de licenciamento e o estudo ambiental a serem exigidos devem ser definidos pelos órgãos colegiados deliberativos do Sisnama, no âmbito das competências definidas na Lei Complementar nº 140, de 2011, por meio do enquadramento da atividade ou empreendimento de acordo com os critérios de natureza, porte e potencial poluidor, podendo devendo ser consideradas a relevância e a fragilidade ambiental da região de implantação. § 2º O procedimento de licenciamento ambiental deve ser compatibilizado com as etapas de planejamento, implantação e operação da atividade ou empreendimento, considerando, quando houver, os instrumentos de planejamento territorial disponíveis, como o Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE) e a AAE.</p>	<p><u>Caput – sem considerar a localização, não há como mensurar adequadamente os impactos para classificá-los em baixo, médio e alto, por exemplo. O mesmo tipo de empreendimento, com porte semelhante, em um local pode ter impactos negativos totalmente diferentes de outro local geograficamente similar, mas com relevâncias e fragilidades opostas. Além disso, é necessário prestigiar os entes federativos que realizaram ZEEs, Planos de Bacia etc, bem como incentivar cada vez mais que outros o façam.</u></p>
<p>Art. 19. O licenciamento ambiental pelo procedimento trifásico envolve a emissão sequencial de LP, LI e LO. § 1º No caso de atividade ou empreendimento potencialmente causador de significativa degradação do meio ambiente, o licenciamento trifásico requer a apresentação de EIA na fase de LP. § 2º Excepcionalmente, podem ser exigidas apenas duas licenças no procedimento com EIA, quando:</p>	<p>Art. 19. O licenciamento ambiental pelo procedimento trifásico envolve a emissão sequencial de LP, LI e LO. § 1º No caso de atividade ou empreendimento potencialmente causador de significativa degradação do meio ambiente, o licenciamento trifásico requer a apresentação de EIA na fase de LP. § 2º Excepcionalmente, podem ser exigidas apenas duas licenças no procedimento com EIA, quando: I – a LP, a LI ou a LO, isoladamente, forem incompatíveis</p>	



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>I – a LP, a LI ou a LO, isoladamente, forem incompatíveis com a natureza da atividade ou empreendimento, nos termos de ato dos órgãos colegiados deliberativos do Sisnama; ou II – a atividade ou empreendimento estiver incluído em política, plano ou programa governamental que tenha sido objeto de AAE, previamente aprovada pelos órgãos central, seccionais ou locais do Sisnama, em suas respectivas esferas de competência. § 3o Até que seja publicado o ato previsto no inciso I do § 2º deste artigo, a autoridade licenciadora pode, de forma motivada, decidir quanto à emissão concomitante de licenças. § 4º Na hipótese prevista no inciso II do § 2º deste artigo, as análises realizadas no âmbito da AAE podem resultar na dispensa parcial do conteúdo do EIA, a critério da autoridade licenciadora, por decisão motivada.</p>	<p>com a natureza da atividade ou empreendimento, nos termos de ato dos órgãos colegiados deliberativos do Sisnama; ou II – a atividade ou empreendimento estiver incluído em política, plano ou programa governamental que tenha sido objeto de AAE, previamente aprovada pelos órgãos central, seccionais ou locais do Sisnama, em suas respectivas esferas de competência. § 3o Até que seja publicado o ato previsto no inciso I do § 2º deste artigo, a autoridade licenciadora pode, de forma motivada, decidir quanto à emissão concomitante de licenças. § 4º Na hipótese prevista no inciso II do § 2º deste artigo, as análises realizadas no âmbito da AAE podem resultar na dispensa parcial do conteúdo do EIA, a critério da autoridade licenciadora, por decisão motivada.</p>	
<p>Art. 20. O licenciamento ambiental pelo procedimento simplificado, observado o disposto nos arts. 18 e 19 desta Lei, pode ser: I – bifásico; II – em fase única; ou III – por adesão e compromisso</p>	<p>Art. 20. O licenciamento ambiental pelo procedimento simplificado, observado o disposto nos arts. 18 e 19 desta Lei, pode ser: I – bifásico; II – em fase única; ou III – por adesão e compromisso</p>	
<p>Art. 21. O licenciamento ambiental pelo procedimento bifásico consiste na aglutinação de duas licenças em uma única e pode ser aplicado nos casos em que as características da atividade ou empreendimento sejam compatíveis com esse procedimento, conforme avaliação motivada da autoridade licenciadora.</p>	<p>Art. 21. O licenciamento ambiental pelo procedimento bifásico consiste na aglutinação de duas licenças em uma única e pode ser aplicado nos casos em que as características da atividade ou empreendimento sejam compatíveis com esse procedimento, conforme avaliação motivada da autoridade licenciadora. § 1º A autoridade licenciadora deve definir na emissão do</p>	



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>§ 1º A autoridade licenciadora deve definir na emissão do TR as licenças que podem ser aglutinadas, seja a LP com a LI (LP/LI), seja a LI com a LO (LI/LO).</p> <p>§ 2º A autoridade licenciadora deve estabelecer o estudo ambiental a ser requerido no licenciamento ambiental pelo procedimento bifásico, respeitados os casos de EIA.</p>	<p>TR as licenças que podem ser aglutinadas, seja a LP com a LI (LP/LI), seja a LI com a LO (LI/LO).</p> <p>§ 2º A autoridade licenciadora deve estabelecer o estudo ambiental a ser requerido no licenciamento ambiental pelo procedimento bifásico, respeitados os casos de EIA.</p>	
<p>Art. 22. O licenciamento ambiental pelo procedimento em fase única consiste na avaliação da viabilidade ambiental e na autorização da instalação e da operação da atividade ou empreendimento de médio ou de baixo impacto ou risco ambiental em uma única etapa, com a emissão da LAU.</p> <p>Parágrafo único. A autoridade licenciadora deve definir o escopo do estudo ambiental que subsidia o licenciamento ambiental pelo procedimento em fase única.</p>	<p>Art. 22. O licenciamento ambiental pelo procedimento em fase única consiste na avaliação da viabilidade ambiental e na autorização da instalação e da operação da atividade ou empreendimento de médio ou de baixo impacto ou risco ambiental em uma única etapa, com a emissão da LAU.</p> <p>Parágrafo único. A autoridade licenciadora deve definir o escopo do estudo ambiental que subsidia o licenciamento ambiental pelo procedimento em fase única.</p>	<p>Caput – idem inciso XVI do art. 3º</p> <p>Parágrafo único - redação</p>
<p>Art. 23. O licenciamento ambiental pelo procedimento por adesão e compromisso pode ocorrer se atendidas, cumulativamente, as seguintes condições:</p> <p>I – a atividade ou o empreendimento seja qualificado como de baixo impacto ou risco ambiental e a autoridade licenciadora não identifique relevância ou fragilidade ambiental na área de sua instalação;</p> <p>II – sejam previamente conhecidos:</p> <p>a) as características da região de implantação;</p> <p>b) as condições de instalação e operação da atividade ou empreendimento;</p>	<p>Art. 23. O licenciamento ambiental pelo procedimento por adesão e compromisso pode ocorrer se atendidas, cumulativamente, as seguintes condições:</p> <p>I – a atividade ou o empreendimento seja qualificado como de baixo impacto ou risco ambiental e a autoridade licenciadora não identifique relevância ou fragilidade ambiental na área de sua instalação;</p> <p>II – sejam previamente conhecidos:</p> <p>a) as características da região de implantação;</p> <p>b) as condições de instalação e operação da atividade ou empreendimento;</p> <p>c) os impactos e riscos ambientais da tipologia da</p>	



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>c) os impactos e riscos ambientais da tipologia da atividade ou empreendimento; e</p> <p>d) as medidas de controle ambiental necessárias.</p> <p>§ 1º São consideradas atividades e empreendimentos passíveis de licenciamento ambiental pelo procedimento por adesão e compromisso aqueles definidos em ato específico dos órgãos colegiados deliberativos do Sisnama.</p> <p>§ 2º A autoridade licenciadora deve estabelecer previamente as condicionantes ambientais da LAC que devem ser objeto de termo de compromisso firmado pelo empreendedor, integrante da licença.</p> <p>§ 3º As informações apresentadas pelo empreendedor no RCE devem ser conferidas e analisadas pela autoridade licenciadora, incluindo a realização de vistorias, ao menos por amostragem.</p> <p>§ 4º A autoridade licenciadora deve realizar vistorias por amostragem, com periodicidade anual, para aferir a regularidade de atividades ou empreendimentos licenciados pelo procedimento por adesão e compromisso, devendo disponibilizar os resultados no subsistema de informações previsto no art. 32 desta Lei.</p> <p>§ 5º O resultado das vistorias previstas no § 4º deste artigo pode orientar a manutenção ou a revisão do ato previsto no § 1º sobre as atividades e empreendimentos passíveis de licenciamento ambiental pelo procedimento por adesão e compromisso.</p>	<p>atividade ou empreendimento; e</p> <p>d) as medidas de controle ambiental necessárias.</p> <p>§ 1º São consideradas atividades e empreendimentos passíveis de licenciamento ambiental pelo procedimento por adesão e compromisso aqueles definidos em ato específico dos órgãos colegiados deliberativos do Sisnama, <u>observado o disposto no art. 18 desta Lei.</u></p> <p>§ 2º A autoridade licenciadora deve estabelecer previamente as condicionantes ambientais da LAC que devem ser objeto de termo de compromisso firmado pelo empreendedor, integrante da licença.</p> <p>§ 3º As informações apresentadas pelo empreendedor no RCE devem ser conferidas e analisadas pela autoridade licenciadora, incluindo a realização de vistorias <u>prévias</u>, ao menos por amostragem.</p> <p>§ 4º A autoridade licenciadora deve realizar vistorias por amostragem, com periodicidade anual, para aferir a regularidade de atividades ou empreendimentos licenciados pelo procedimento por adesão e compromisso, devendo disponibilizar os resultados no subsistema de informações previsto no art. 32 desta Lei.</p> <p>§ 5º O resultado das vistorias previstas no § 4º deste artigo pode orientar a manutenção ou a revisão do ato previsto no § 1º sobre as atividades e empreendimentos passíveis de licenciamento ambiental pelo procedimento por adesão e compromisso.</p> <p><u>§ 6º - A autoridade licenciadora deverá regulamentar ritos simplificados e expeditos, garantida a defesa e o contraditório e independentemente de dolo, para suspensão ou cancelamento da LAC por, pelo menos, um dos seguintes motivos:</u></p> <p><u>I - descumprimento de condicionantes;</u></p> <p><u>II - omissão de informações;</u></p>	<p>§ 1º - <u>redação para vincular com o art. 18.</u></p> <p>DEFENDER CONTRA A LAC OU GARANTIR SANSÃO POR CANCELAMENTO DO EMPREENDIMENTO E USO DA LAC PELO FORNECIMENTO DE INFORMAÇÕES FALSAS OMISSÕES DESCUMPRIMENTOS DE CONDICIONADOS</p> <p>§ 3º - <u>redação</u></p>
---	---	---



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

	<p>III – fornecimento de informações falsas; ou IV - fraude.</p>	
<p>Seção 3 Da Regularização por Licença de Operação Corretiva Art. 24. O licenciamento ambiental voltado à regularização de atividade ou empreendimento que iniciou sua operação até a data de publicação desta Lei sem licença ambiental ocorre pela expedição de LOC. § 1º Caso haja manifestação favorável ao licenciamento ambiental corretivo pela autoridade licenciadora, deve ser firmado termo de compromisso entre ela e o empreendedor anteriormente à emissão da LOC. § 2º O termo de compromisso deve estabelecer os critérios, os procedimentos e as responsabilidades de forma a promover o licenciamento ambiental corretivo. § 3º No caso de atividade ou empreendimento cujo início da operação tenha ocorrido quando a legislação em vigor exigia licenciamento ambiental, a autoridade licenciadora deve definir medidas compensatórias pelos impactos causados sem licença. § 4º Sem prejuízo da aplicação de sanções administrativas pelo descumprimento do próprio termo e da respectiva responsabilidade civil e criminal, quando o empreendedor que estiver exercendo atividade sem licença solicitar espontaneamente a regularização da sua atividade ou empreendimento, mediante requerimento de</p>	<p>Seção 3 Da Regularização por Licença de Operação Corretiva Do <u>Licenciamento Ambiental Corretivo</u> Art. 24. O licenciamento ambiental <u>corretivo</u> voltado à regularização de atividade ou empreendimento que iniciou sua operação até a data de publicação desta Lei sem licença ambiental ocorre pela expedição de LOC. § 1º Caso haja manifestação favorável ao licenciamento ambiental corretivo pela autoridade licenciadora, deve ser firmado termo de compromisso entre ela e o empreendedor anteriormente à emissão da LOC. § 2º O termo de compromisso deve estabelecer os critérios, os procedimentos e as responsabilidades de forma a promover o licenciamento ambiental corretivo. § 3º No caso de atividade ou empreendimento cujo início da operação tenha ocorrido quando a legislação em vigor exigia licenciamento ambiental, a autoridade licenciadora deve definir medidas compensatórias pelos impactos causados sem licença. § 4º <u>Sem prejuízo</u> <u>A LOC define as condicionantes e outras medidas necessárias para a regularização ambiental da atividade ou empreendimento e seus respectivos prazos, bem como as ações de controle e monitoramento ambiental para a continuidade de sua operação, em conformidade com as normas ambientais.</u> <u>§ 5º A assinatura do termo de compromisso impede novas autuações fundamentadas na ausência da respectiva licença ambiental.</u> <u>§ 6º O disposto no § 4º deste artigo não impede a aplicação de sanções administrativas pelo</u></p>	<p>Título – redação</p> <p>Caput – redação</p> <p>Melhora geral da redação que dá mais garantias aos empreendedores e à autoridade licenciadora.</p>



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>LOC, não cabe sanção por ausência de licença, se atendidos simultaneamente os seguintes requisitos:</p> <p>I – não seja constatado dano ambiental decorrente da instalação ou operação da atividade ou empreendimento; e</p> <p>II – sejam atendidas todas as notificações emitidas pela autoridade licenciadora no curso do licenciamento ambiental.</p> <p>§ 5º A atividade ou empreendimento que já se encontre com processo de licenciamento ambiental corretivo em curso na data de publicação desta Lei pode se adequar às disposições desta Seção.</p>	<p>descumprimento do próprio termo e da respectiva responsabilidade de compromisso, nem de outras sanções cabíveis nas esferas administrativa, civil e penalcriminal, quando o empreendedor que estiver exercendo atividade sem licença solicitar espontaneamente a regularização da sua atividade ou empreendimento, mediante requerimento de LOC, não cabe sanção por ausência de licença, se atendidos simultaneamente os seguintes requisitos:</p> <p>I – não seja constatado dano ambiental decorrente da instalação ou operação da atividade ou empreendimento; e</p> <p>II – sejam atendidas todas as notificações emitidas pela autoridade licenciadora no curso do licenciamento ambiental.</p> <p>§ 5º A atividade ou empreendimento que já se encontre com processo de licenciamento ambiental corretivo em curso na data de publicação desta Lei pode se adequar às disposições desta Seção.</p>	
<p>Seção 4 Do EIA e demais Estudos Ambientais Art. 25. A autoridade licenciadora deve elaborar Termo de Referência (TR) padrão para o EIA e demais estudos ambientais, específico para cada tipologia de atividade ou empreendimento, ouvidas as autoridades envolvidas referidas no inciso IV do <i>caput</i> do art. 2º desta Lei, quando couber. § 1º A autoridade licenciadora, ouvido o empreendedor, pode ajustar o TR considerando as especificidades da atividade ou empreendimento e de sua área de influência. § 2º Nos casos em que houver necessidade de</p>	<p>Seção 4 Do EIA e demais Estudos Ambientais Art. 25. A autoridade licenciadora deve elaborar Termo de Referência (TR) padrão para o EIA e demais estudos ambientais, específico para cada tipologia de atividade ou empreendimento, ouvidas as autoridades envolvidas referidas no inciso IV do <i>caput</i> do art. 2º desta Lei, quando couber. § 1º A autoridade licenciadora, ouvido o empreendedor, pode ajustar o TR considerando as especificidades da atividade ou empreendimento e de sua área de influência. § 2º Nos casos em que houver necessidade de ajustes no TR nos termos do § 1º deste artigo, a autoridade</p>	<p><u>Caput – redação</u></p>



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>ajustes no TR nos termos do § 1º deste artigo, a autoridade licenciadora deve conceder prazo de 15 (quinze) dias para manifestação do empreendedor.</p> <p>§ 3º O TR deve ser elaborado considerando o nexo de causalidade entre os elementos e atributos do meio ambiente e os potenciais impactos da atividade ou empreendimento.</p> <p>§ 4º A autoridade licenciadora tem o prazo máximo de 30 (trinta) dias para disponibilizar o TR ao empreendedor a contar da data do requerimento, prorrogável por igual período, por decisão motivada, nos casos de oitiva das autoridades envolvidas referidas no inciso IV do <i>caput</i> do art. 2º desta Lei, bem como nas hipóteses previstas no § 7º deste artigo e no inciso I do <i>caput</i> do art. 37 desta Lei.</p> <p>§ 5º A exigência de dados primários para a caracterização da área de influência somente é permitida quando não houver dados válidos recentes ou quando os dados forem ineficientes, mediante justificativa técnica da autoridade licenciadora.</p> <p>§ 6º A autoridade licenciadora pode, por decisão devidamente motivada, solicitar a contribuição de especialistas para a elaboração do TR em casos de alta complexidade, às expensas do empreendedor, observado o disposto no parágrafo único do art. 14 desta Lei.</p> <p>§ 7º As autoridades licenciadoras têm o prazo de 18 (dezoito) meses, a contar da data de entrada em vigor desta Lei, para finalizar a elaboração dos termos de referência padrão previstos neste artigo, devendo mantê-los atualizados.</p>	<p>licenciadora deve conceder prazo de 15 (quinze) dias para manifestação do empreendedor.</p> <p>§ 3º O TR deve ser elaborado considerando o nexo de causalidade entre os elementos e atributos do meio ambiente e os potenciais impactos da atividade ou empreendimento.</p> <p>§ 4º A autoridade licenciadora tem o prazo máximo de 30 (trinta e sessenta) dias para disponibilizar o TR ao empreendedor a contar da data do requerimento, prorrogável por igual período que pode ser prorrogado, por decisão motivada, nos casos de oitiva das autoridades envolvidas referidas no inciso IV do <i>caput</i> do art. 32º desta Lei, bem como nas hipóteses previstas no § 7º deste artigo e no inciso I do <i>caput</i> do art. 37 desta Lei.</p> <p>§ 5º A exigência de dados primários para a caracterização da área de influência somente é permitida quando não houver dados válidos recentes ou quando os dados forem ineficientes, mediante justificativa técnica da autoridade licenciadora.</p> <p>§ 6º A autoridade licenciadora pode, por decisão devidamente motivada, solicitar a contribuição de especialistas para a elaboração do TR em casos de alta complexidade, às expensas do empreendedor, observado o disposto no parágrafo único do art. 14 desta Lei.</p> <p>§ 7º As autoridades licenciadoras têm o prazo de 18 (dezoito) meses, a contar da data de entrada em vigor desta Lei, para finalizar a elaboração dos termos de referência padrão previstos neste artigo, devendo mantê-los atualizados.</p>	<p><u>§ 4º - mesmo havendo TRs padronizados, alterações no TR, especialmente quando são empreendimentos grandes e complexos ou há necessidade de oitiva de autoridades envolvidas podem demorar mais de 30 dias.</u></p> <p><u>§ 5º</u></p>
--	--	---



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>Art. 26. O EIA deve contemplar:</p> <p>I – concepção e características principais da atividade ou empreendimento e identificação dos processos, serviços e produtos que o compõem, assim como identificação e análise das principais alternativas tecnológicas e locais, quando couber, confrontando-as entre si e com a hipótese de não implantação da atividade ou empreendimento;</p> <p>II – definição dos limites geográficos da área diretamente afetada (ADA) e da área de influência da atividade ou empreendimento;</p> <p>III – diagnóstico ambiental da ADA e da área de influência da atividade ou empreendimento, com a análise integrada dos elementos e atributos dos meios físico, biótico e socioeconômico que podem ser afetados;</p> <p>IV – análise dos impactos ambientais da atividade ou empreendimento e de suas alternativas, por meio da identificação, previsão da magnitude e interpretação da importância dos prováveis impactos relevantes, discriminando-os em negativos e positivos, de curto, médio e longo prazos, temporários e permanentes, considerando seu grau de reversibilidade e suas propriedades cumulativas e sinérgicas, bem como a distribuição dos ônus e benefícios sociais e a existência ou o planejamento de outras atividades ou empreendimentos na mesma área de influência;</p> <p>V – prognóstico do meio ambiente na ADA e na área de influência da atividade ou empreendimento, nas hipóteses de sua implantação ou não;</p> <p>VI – definição das medidas para evitar, mitigar ou compensar os impactos ambientais negativos da</p>	<p>Art. 26. O EIA deve contemplar:</p> <p>I – concepção e características principais da atividade ou empreendimento e identificação dos processos, serviços e produtos que o compõem, assim como identificação e análise das principais alternativas tecnológicas e locais, quando couber, confrontando-as entre si e com a hipótese de não implantação da atividade ou empreendimento;</p> <p>II – definição dos limites geográficos da área diretamente afetada (ADA) e da área de influência da atividade ou empreendimento;</p> <p>III – diagnóstico ambiental da ADA e da área de influência da atividade ou empreendimento, com a análise integrada dos elementos e atributos dos meios físico, biótico e socioeconômico que podem ser afetados;</p> <p>IV – análise dos impactos ambientais da atividade ou empreendimento e de suas alternativas, por meio da identificação, previsão da magnitude e interpretação da importância dos prováveis impactos relevantes, discriminando-os em negativos e positivos, de curto, médio e longo prazos, temporários e permanentes, considerando seu grau de reversibilidade e suas propriedades cumulativas e sinérgicas, bem como a distribuição dos ônus e benefícios sociais e a existência ou o planejamento de outras atividades ou empreendimentos na mesma área de influência;</p> <p>V – prognóstico do meio ambiente na ADA e na área de influência da atividade ou empreendimento, nas hipóteses de sua implantação ou não;</p> <p>VI – definição das medidas para evitar, mitigar ou compensar os impactos ambientais negativos da atividade ou empreendimento, incluindo os decorrentes da sua desativação, conforme a hierarquia prevista no caput do</p>	<p>VI - redação</p>
--	--	-------------------------------------



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>atividade ou empreendimento, incluindo os decorrentes da sua desativação, conforme a hierarquia prevista no <i>caput</i> do art. 13 desta Lei, bem como das medidas de recuperação ambiental necessárias e as de maximização dos impactos positivos;</p> <p>VII – estudo de análise de risco ambiental da atividade ou empreendimento, quando requerido nas normas previstas pelos § 1º do art. 18 desta Lei ou pela autoridade licenciadora, em decisão fundamentada;</p> <p>VIII – elaboração de programas de acompanhamento e monitoramento dos impactos positivos e negativos, indicando os fatores e parâmetros a serem considerados; e</p> <p>IX – conclusão sobre a viabilidade ambiental da atividade ou empreendimento.</p>	<p>art. 13 desta Lei, bem como das medidas de recuperação ambiental necessárias e as de maximização dos impactos ambientais positivos;</p> <p>VII – estudo de análise de risco ambiental da atividade ou empreendimento, quando requerido nas normas previstas pelos § 1º do art. 18 desta Lei ou pela autoridade licenciadora, em decisão fundamentada;</p> <p>VIII – elaboração de programas de acompanhamento e monitoramento dos impactos positivos e negativos, indicando os fatores e parâmetros a serem considerados; e</p> <p>IX – conclusão sobre a viabilidade ambiental da atividade ou empreendimento.</p>	
---	---	--



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>Art. 27. Todo EIA deve gerar um Rima, com o seguinte conteúdo mínimo:</p> <p>I – objetivos e justificativas da atividade ou empreendimento, sua relação e compatibilidade com as políticas setoriais, planos e programas governamentais;</p> <p>II – descrição e características principais da atividade ou empreendimento, bem como de sua ADA e área de influência, com as conclusões do estudo comparativo entre suas principais alternativas tecnológicas e locacionais;</p> <p>III – síntese dos resultados dos estudos de diagnóstico ambiental da ADA e da área de influência da atividade ou empreendimento;</p> <p>IV – descrição dos prováveis impactos ambientais da atividade ou empreendimento, considerando o projeto proposto, suas alternativas e o horizonte de tempo de incidência dos impactos e indicando os métodos, técnicas e critérios adotados para sua identificação, quantificação e interpretação;</p> <p>V – caracterização da qualidade ambiental futura da ADA e da área de influência, comparando as diferentes alternativas da atividade ou empreendimento, incluindo a hipótese de sua não implantação;</p> <p>VI – descrição do efeito esperado das medidas previstas para evitar, mitigar ou compensar os impactos ambientais negativos da atividade ou empreendimento e para maximizar seus impactos positivos;</p> <p>VII – programas de acompanhamento e monitoramento dos impactos ambientais da atividade ou empreendimento; e</p>	<p>Art. 27. Todo EIA deve gerar um Rima, com o seguinte conteúdo mínimo:</p> <p>I – objetivos e justificativas da atividade ou empreendimento, sua relação e compatibilidade com as políticas setoriais, planos e programas governamentais;</p> <p>II – descrição e características principais da atividade ou empreendimento, bem como de sua ADA e área de influência, com as conclusões do estudo comparativo entre suas principais alternativas tecnológicas e locacionais;</p> <p>III – síntese dos resultados dos estudos de diagnóstico ambiental da ADA e da área de influência da atividade ou empreendimento;</p> <p>IV – descrição dos prováveis impactos ambientais da atividade ou empreendimento, considerando o projeto proposto, suas alternativas e o horizonte de tempo de incidência dos impactos e indicando os métodos, técnicas e critérios adotados para sua identificação, quantificação e interpretação;</p> <p>V – caracterização da qualidade ambiental futura da ADA e da área de influência, comparando as diferentes alternativas da atividade ou empreendimento, incluindo a hipótese de sua não implantação;</p> <p>VI – descrição do efeito esperado das medidas previstas para evitar, mitigar ou compensar os impactos ambientais negativos da atividade ou empreendimento e para maximizar seus impactos positivos;</p> <p>VII – programas de acompanhamento e monitoramento dos impactos ambientais da atividade ou empreendimento; e</p> <p>VIII – recomendação quanto à alternativa mais favorável e conclusão sobre a viabilidade ambiental da atividade ou empreendimento.</p>	
---	--	--



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>VIII – recomendação quanto à alternativa mais favorável e conclusão sobre a viabilidade ambiental da atividade ou empreendimento.</p>	<p><u>Parágrafo único. O Rima deve ser um documento sintético e elaborado com redação própria, utilizando recursos visuais que maximizem a comunicação com o público em geral.</u></p>	<p><u>Parágrafo único – sempre imprescindível incrementar a participação pública com boas informações e comunicação adequada para leigos.</u></p>
<p>Art. 28. Observadas as regras estabelecidas na forma dos §§ 1º e 2º do art. 18 desta Lei, a autoridade licenciadora deve definir o conteúdo mínimo dos estudos ambientais e dos documentos requeridos no âmbito do licenciamento ambiental de atividade ou empreendimento não sujeito a EIA. Parágrafo único. A autoridade licenciadora pode, motivadamente, estender a exigência de estudo de análise de risco ambiental e seus respectivos planos a atividade ou empreendimento não sujeito a EIA.</p>	<p>Art. 28. Observadas as regras estabelecidas na forma dos §§ 1º e 3º do art. 18 desta Lei, a autoridade licenciadora deve definir o conteúdo mínimo dos estudos ambientais dos documentos requeridos no âmbito do licenciamento ambiental de atividade ou empreendimento não sujeito a EIA. <u>§1º Parágrafo único.</u> A autoridade licenciadora pode, motivadamente, estender a exigência de estudo de análise de risco ambiental e seus respectivos planos a atividade ou empreendimento não sujeito a EIA. <u>§2º Para os casos de atividades e empreendimentos não sujeitos a EIA, os estudos ambientais e documentos técnicos requeridos para LP, LP/LI, LAU ou LOC devem ser acompanhados de relatório resumido desses estudos e documentos, em linguagem não-técnica com informações em linguagem acessível ao público em geral, , para permitir a participação pública no processo de licenciamento ambiental, de modo que se possa entender as vantagens e desvantagens da atividade ou empreendimento, bem como as consequências ambientais de sua implantação.</u></p>	<p><u>Caput – redação</u></p> <p><u>§2º - dispositivo importante para a participação pública na fase de discussão da viabilidade ambiental nos casos não sujeitos a EIA.</u></p>
<p>Art. 29. No caso de atividades ou empreendimentos localizados na mesma área de influência, a autoridade licenciadora pode aceitar estudo ambiental para o conjunto, dispensando a elaboração de estudos específicos para cada atividade ou empreendimento, sem prejuízo das</p>	<p>Art. 29. No caso de atividades ou empreendimentos localizados na mesma área de influência, a autoridade licenciadora pode aceitar estudo ambiental para o conjunto, dispensando a elaboração de estudos específicos para cada atividade ou empreendimento, sem prejuízo das medidas de participação previstas na Seção 6</p>	



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>medidas de participação previstas na Seção 6 deste Capítulo.</p> <p>§ 1º Na hipótese prevista no <i>caput</i> deste artigo, pode ser emitida LP única para o conjunto de atividades ou empreendimentos, desde que identificado um responsável legal, mantida a necessidade de emissão das demais licenças específicas para cada atividade ou empreendimento.</p> <p>§ 2º Para atividades ou empreendimentos de pequeno porte e similares, pode ser admitido um único processo de licenciamento ambiental, desde que definida a responsabilidade legal pelo conjunto de atividades ou empreendimentos.</p> <p>§ 3º As disposições deste artigo podem ser aplicadas a atividades ou empreendimentos sob responsabilidade de autoridades licenciadoras distintas, desde que haja acordo de cooperação técnica firmado entre elas.</p>	<p>deste Capítulo.</p> <p>§ 1º Na hipótese prevista no <i>caput</i> deste artigo, pode ser emitida LP única para o conjunto de atividades ou empreendimentos, desde que identificado um responsável legal, mantida a necessidade de emissão das demais licenças específicas para cada atividade ou empreendimento.</p> <p>§ 2º Para atividades ou empreendimentos de pequeno porte e similares, pode ser admitido um único processo de licenciamento ambiental, desde que definida a responsabilidade legal pelo conjunto de atividades ou empreendimentos.</p> <p>§ 3º As disposições deste artigo podem ser aplicadas a atividades ou empreendimentos sob responsabilidade de autoridades licenciadoras distintas, desde que haja acordo de cooperação técnica firmado entre elas.</p>	<p>§ 3º - idem § 3º do art. 13</p>
<p>Art. 30. Independentemente da titularidade de atividade ou empreendimento sujeito a licenciamento ambiental, no caso de implantação na área de influência de outro já licenciado, pode ser aproveitado o diagnóstico constante no estudo ambiental anterior, desde que adequado à realidade da nova atividade ou empreendimento e resguardado o sigilo das informações previsto em lei.</p> <p>§ 1º Para atender ao disposto no <i>caput</i> deste artigo, a autoridade licenciadora deve manter base de dados, disponibilizada na <i>internet</i> e integrada ao Sistema Nacional de Informações sobre Meio Ambiente (Sinima), consoante o disposto no art. 32 desta Lei.</p>	<p>Art. 30. Independentemente da titularidade de atividade ou empreendimento sujeito a licenciamento ambiental, no caso de implantação na área de influência de outro já licenciado, pode ser aproveitado o diagnóstico constante no estudo ambiental anterior, desde que adequado à realidade da nova atividade ou empreendimento e resguardado o sigilo das informações previsto em lei.</p> <p>§ 1º Para atender ao disposto no <i>caput</i> deste artigo, a autoridade licenciadora deve manter base de dados, disponibilizada na <i>internet</i> e integrada ao Sistema Nacional de Informações sobre Meio Ambiente (Sinima), consoante o disposto no art. 32 desta Lei.</p> <p>§ 2º Cabe à autoridade licenciadora estabelecer os prazos de validade dos dados disponibilizados para fins do</p>	



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>§ 2º Cabe à autoridade licenciadora estabelecer os prazos de validade dos dados disponibilizados para fins do disposto neste artigo. § 3º O TR deve indicar o aproveitamento ou não dos estudos já realizados na área de influência da atividade ou empreendimento, podendo requerer complementações ou novos estudos.</p>	<p>disposto neste artigo. § 3º O TR deve indicar o aproveitamento ou não dos estudos já realizados na área de influência da atividade ou empreendimento, podendo requerer complementações ou novos estudos.</p>	
<p>Art. 31. A elaboração de estudos ambientais deve ser confiada a equipe habilitada nas respectivas áreas de atuação e registrada no Cadastro Técnico Federal de Atividades e Instrumentos de Defesa Ambiental. Parágrafo único. A autoridade licenciadora deve manter disponível no subsistema de informações previsto no art. 32 desta Lei cadastro de pessoas físicas e jurídicas responsáveis pela elaboração de estudos ambientais com o histórico individualizado de aprovações, rejeições, pedidos de complementação atendidos, pedidos de complementação não atendidos e fraudes.</p>	<p>Art. 31. A elaboração de estudos ambientais deve ser confiada a equipe habilitada nas respectivas áreas de atuação e registrada no Cadastro Técnico Federal de Atividades e Instrumentos de Defesa Ambiental. Parágrafo único. A autoridade licenciadora deve manter disponível no subsistema de informações previsto no art. 32 desta Lei cadastro de pessoas físicas e jurídicas responsáveis pela elaboração de estudos ambientais com o histórico individualizado de aprovações, rejeições, pedidos de complementação atendidos, pedidos de complementação não atendidos e fraudes.</p>	<p><u>[polêmico, revisar]</u> <u>“Acho uma ideia contraproducente. Baseia-se em uma perspectiva de que licenciamento aprova estudos e não empreendimentos, quando deveríamos fortalecer a visão inversa. Na prática, empreendimentos inadequados devem ser rejeitados mesmo que os estudos sejam excelentes. Inversamente, empreendimentos claramente viáveis podem ser autorizados mesmo com estudos de baixa qualidade (desde que o órgão consiga tomar sua decisão com base em outras informações). Um ranking de aprovações e rejeições de consultores não me parece uma maneira adequada de estimular a qualidade de estudos.”</u> <u>(Cris)</u></p>
<p>Seção 5 Da Integração e Disponibilização de Informações Art. 32. O Sistema Nacional de Informações sobre Meio Ambiente (Sinima) deve conter subsistema que integre as informações sobre os licenciamentos</p>	<p>Seção 5 Da Integração e Disponibilização de Informações Art. 32. O Sistema Nacional de Informações sobre Meio Ambiente (Sinima) deve conter subsistema que integre as informações sobre os licenciamentos ambientais</p>	

Formatado: Fonte: Negrito, Cor da fonte: Vermelho

Formatado: Fonte: Negrito, Cor da fonte: Vermelho

Formatado: Fonte: Negrito



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>ambientais realizados em nível federal, estadual, municipal e no Distrito Federal, bem como as bases de dados mantidas pelas respectivas autoridades licenciadoras.</p> <p>§ 1º As informações fornecidas e utilizadas no licenciamento ambiental, incluindo os estudos ambientais realizados, devem atender a parâmetros que permitam a estruturação e manutenção do subsistema previsto no <i>caput</i> deste artigo.</p> <p>§ 2º O subsistema previsto no <i>caput</i> deste artigo deve operar, sempre que couber, com informações georreferenciadas, e ser compatível com o Sicar, o Sistema Nacional de Controle da Origem dos Produtos Florestais (Sinaflor) e, na forma do regulamento, com outros sistemas de controle governamental.</p> <p>§ 3º Resguardados os sigilos garantidos por lei, as demais informações do subsistema previsto no <i>caput</i> deste artigo devem estar acessíveis pela <i>internet</i>.</p> <p>§ 4º Fica estabelecido o prazo de 4 (quatro) anos, contado da data de entrada em vigor desta Lei, para a organização e pleno funcionamento do subsistema previsto no <i>caput</i> deste artigo.</p>	<p>realizados em nível federal, estadual, municipal e no Distrito Federal, bem como as bases de dados mantidas pelas respectivas autoridades licenciadoras.</p> <p>§ 1º As informações fornecidas e utilizadas no licenciamento ambiental, incluindo os estudos ambientais realizados, devem atender a parâmetros que permitam a estruturação e manutenção do subsistema previsto no <i>caput</i> deste artigo.</p> <p>§ 2º O subsistema previsto no <i>caput</i> deste artigo deve operar, sempre que couber, com informações georreferenciadas, e ser compatível com o Sicar, o Sistema Nacional de Controle da Origem dos Produtos Florestais (Sinaflor) e, na forma do regulamento, com outros sistemas de controle governamental.</p> <p>§ 3º Resguardados os sigilos garantidos por lei, as demais informações do subsistema previsto no <i>caput</i> deste artigo devem estar acessíveis pela <i>internet</i>.</p> <p>§ 4º Fica estabelecido o prazo de 4 (quatro) anos, contado da data de entrada em vigor desta Lei, para a organização e pleno funcionamento do subsistema previsto no <i>caput</i> deste artigo.</p>	
<p>Art. 33. O licenciamento ambiental deve tramitar em meio eletrônico em todas as suas fases.</p> <p>Parágrafo único. Cabe aos entes federativos criar, adotar ou compatibilizar seus sistemas de forma a assegurar o estabelecido no <i>caput</i> deste artigo no prazo de 3 (três) anos, contado da data de entrada em vigor desta Lei.</p>	<p>Art. 33. O licenciamento ambiental deve tramitar em meio eletrônico em todas as suas fases.</p> <p>Parágrafo único. Cabe aos entes federativos criar, adotar ou compatibilizar seus sistemas de forma a assegurar o estabelecido no <i>caput</i> deste artigo no prazo de 3 (três) anos, contado da data de entrada em vigor desta Lei.</p>	
<p>Art. 34. O pedido de licenciamento ambiental, sua</p>	<p>Art. 34. O pedido de licenciamento ambiental, sua</p>	



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>aprovação, rejeição ou renovação devem ser publicados em jornal oficial e no sítio eletrônico da autoridade licenciadora.</p> <p>§ 1º Em caso de aprovação ou renovação, devem constar na publicação oficial o prazo de validade.</p> <p>§ 2º A autoridade licenciadora deve disponibilizar, em seu sítio eletrônico, todos os documentos do licenciamento ambiental.</p> <p>§ 3º O estudo ambiental rejeitado deve ser identificado no sítio eletrônico da autoridade licenciadora e no Sinima, com a indicação dos motivos que ensejaram sua rejeição.</p>	<p>aprovação, rejeição ou renovação devem ser publicados em jornal oficial e no sítio eletrônico da autoridade licenciadora.</p> <p>§ 1º Em caso de aprovação ou renovação, devem constar na publicação oficial o prazo de validade e a <u>indicação do sítio eletrônico no qual o documento integral da licença ambiental pode ser acessado.</u></p> <p>§ 2º A autoridade licenciadora deve disponibilizar, em seu sítio eletrônico, todos os documentos do licenciamento ambiental.</p> <p>§ 3º O estudo ambiental rejeitado deve ser identificado no sítio eletrônico da autoridade licenciadora e no Sinima, com a indicação dos motivos que ensejaram sua rejeição.</p>	<p><u>§ 1º - garantia de maior transparência e segurança das informações.</u></p>
<p>Art. 35. O EIA e demais estudos e informações que integram o licenciamento ambiental são públicos, passando a compor o acervo da autoridade licenciadora, devendo ser incluídos no Sinima, conforme estabelecido no art. 32 desta Lei.</p>	<p>Art. 35. O EIA e demais estudos e informações que integram o licenciamento ambiental são públicos, passando a compor o acervo da autoridade licenciadora, devendo ser incluídos no Sinima, conforme estabelecido no art. 32 desta Lei.</p> <p><u>Parágrafo único. O proponente do licenciamento ambiental é responsável pelo armazenamento e preservação dos dados primários utilizados para confecção de todos os estudos ambientais elaborados ao longo do ciclo de vida do empreendimento, os quais poderão ser requisitados a qualquer momento, a critério da autoridade licenciadora.</u></p>	<p><u>Parágrafo único - Nem todo dado primário é incorporado aos estudos ambientais de modo bruto – geralmente viram parte de análises e são ofertados apenas de modo processado e interpretado. Hoje, na ausência de dispositivo como este, temos uma descartabilidade excessiva dos dados primários obtidos no contexto do licenciamento. Caso seja necessário recorrer a eles no futuro para alguma arbitragem sobre dano ou fraude ambiental, é muito provável que esses dados não sejam encontrados</u></p>
<p>Seção 6 Da Participação Pública Art. 36. O licenciamento ambiental será aberto à</p>	<p>Seção 6 Da Participação Pública Art. 36. O licenciamento ambiental será aberto à</p>	<p><u>Caput – redação</u></p>



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>participação pública, a qual pode ocorrer de acordo com as seguintes modalidades:</p> <ul style="list-style-type: none">I – consulta pública;II – tomada de subsídios técnicos;III – reunião participativa;IV – audiência pública; ouV – consulta livre, prévia e informada.	<p>participação pública, a qual pode ocorrer de acordo com as seguintes modalidades <u>presenciais e não-presenciais</u>:</p> <ul style="list-style-type: none">I – <u>C</u>eonsulta <u>P</u>ública;II – <u>T</u>omada de <u>S</u>ubsídios <u>T</u>écnicos;III – <u>R</u>eunião <u>P</u>articipativa;IV – <u>A</u>udiência <u>P</u>ública; ouV – <u>C</u>eonsulta <u>L</u>ivre, <u>P</u>révia e <u>I</u>nformada.VI - <u>O</u>ficina Pública Preparatória. <p><u>§ 1º A Consulta Pública é modalidade de participação virtual, pela qual a autoridade licenciadora recebe contribuições por escrito de qualquer interessado.</u></p> <p><u>§ 2º A Tomada de Subsídios Técnicos é modalidade de participação virtual ou presencial, pela qual a autoridade licenciadora solicita contribuições técnicas ao público em geral ou a especialistas convidados, com o objetivo de auxiliá-la na tomada de decisões.</u></p> <p><u>§ 3º A Reunião Participativa é modalidade de participação presencial, restrita a convidados, pela qual a autoridade licenciadora solicita contribuições para auxiliá-la na tomada de decisões.</u></p> <p><u>§ 4º A Audiência Pública é modalidade de participação presencial, aberta ao público em geral, na qual deve ser apresentado à população da ADA e da área de influência da atividade ou empreendimento o conteúdo da proposta em análise e dos seus respectivos EIA e Rima, especialmente sobre os impactos ambientais e as medidas preventivas, mitigadoras e compensatórias, dirimindo dúvidas e recolhendo dos presentes as críticas e sugestões a respeito.</u></p> <p><u>§ 5º A Consulta Livre, Prévia e Informada é modalidade de participação específica para os povos indígenas e tribais sujeitos à Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), cujo objetivo é informar e permitir a</u></p>	<p><u>§§ 1º a 6º - definições importantes, nem todas estão no art. 3º.</u></p>
---	---	--



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

	<p><u>participação desses povos no licenciamento ambiental, chegar a um acordo e obter o consentimento acerca das medidas que possam afetá-los.</u></p> <p><u>§ 5º A Oficina Pública Preparatória é a modalidade de participação presencial que antecede a audiência pública; ou, organizada pelo empreendedor e às suas custas, com a participação do órgão licenciador, do empreendedor, e das comunidades impactadas pelo empreendimento.</u></p> <p><u>§ 6º Para processos que não prevêm EIA/RIMA, poderão ser realizadas reuniões públicas, semelhantes às audiências, mas com rito simplificado, nos casos em que o órgão licenciador julgar necessário.</u></p>	
<p>Art. 37. Será realizada pelo menos 1 (uma) audiência pública presencial nos processos de licenciamento ambiental de atividades ou empreendimentos sujeitos a EIA nas seguintes situações:</p> <p>I – antes da elaboração do TR, quando assim julgar necessário a autoridade licenciadora, por decisão motivada, ou por solicitação do Ministério Público, da Defensoria Pública ou de 50 (cinquenta) ou mais cidadãos; e</p> <p>II – antes da decisão final sobre a emissão da LP.</p> <p>§ 1º O EIA e o Rima devem estar disponíveis para consulta pública, presencial e virtual, com pelo menos 45 (quarenta e cinco) dias de antecedência à realização da audiência pública presencial prevista no inciso II do <i>caput</i> deste artigo.</p> <p>§ 2º A decisão da autoridade licenciadora sobre a realização de mais de uma audiência pública presencial deve ser motivada na inviabilidade de realização de um único evento, na complexidade da atividade ou empreendimento, na amplitude da</p>	<p>Art. 37. Será realizada pelo menos 1 (uma) audiência pública presencial nos processos de licenciamento ambiental de atividades ou empreendimentos sujeitos a EIA nas seguintes situações:</p> <p>I – antes da elaboração do TR, quando assim julgar necessário a autoridade licenciadora, por decisão motivada, ou por solicitação do Ministério Público, da Defensoria Pública ou de 50 (cinquenta) ou mais cidadãos; e</p> <p>II – antes da decisão final sobre a emissão da LP.</p> <p><u>III – antes da concessão e da renovação da LO, quando assim julgar necessário a autoridade licenciadora, por decisão motivada, ou por solicitação do Ministério Público, da Defensoria Pública ou de 50 (cinquenta) ou mais cidadãos;</u></p> <p>§ 1º O EIA e o Rima devem estar disponíveis para consulta pública, presencial e virtual, com pelo menos 45 (quarenta e cinco) dias de antecedência à realização da audiência pública presencial prevista no inciso II do <i>caput</i> deste artigo.</p>	<p><u>III – garantia de maior participação e redução de conflitos e judicialização</u></p>



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>distribuição geográfica da área de influência ou em outro fator, devidamente justificado, que tenha prejudicado a oitiva da comunidade potencialmente afetada.</p> <p>§ 3º A autoridade licenciadora pode, a seu juízo, utilizar qualquer dos demais mecanismos de participação pública previstos no art. 36 desta Lei para preparar a realização da audiência pública, antecipando dúvidas, críticas e colhendo sugestões.</p>	<p>§ 2º A decisão da autoridade licenciadora sobre a realização de mais de uma audiência pública presencial deve ser motivada na inviabilidade de realização de um único evento, na complexidade da atividade ou empreendimento, na amplitude da distribuição geográfica da área de influência ou em outro fator, <u>relevante e</u> devidamente justificado, <u>que tenha prejudicado a oitiva da comunidade potencialmente afetada.</u></p> <p>§ 3º A autoridade licenciadora pode, a seu juízo, utilizar qualquer dos demais mecanismos de participação pública previstos no art. 36 desta Lei para preparar a realização da audiência pública, antecipando dúvidas, críticas e colhendo sugestões.</p>	<p><u>§ 2º - redação</u></p>
<p>Art. 38. A consulta pública prevista no inciso I do <i>caput</i> do art. 36 desta Lei pode, a critério da autoridade licenciadora, ser utilizada em todas as modalidades de licenciamento previstas nesta Lei com objetivo de colher subsídios, quando couber, para:</p> <p>I – a elaboração do TR;</p> <p>II – a avaliação de impacto ambiental;</p> <p>III – a análise da eficácia, eficiência e efetividade das condicionantes ambientais em todas as fases do licenciamento ambiental, incluindo o período posterior à emissão de LO; ou</p> <p>IV – a instrução e análise de outros fatores do licenciamento ambiental.</p> <p>Parágrafo único. A consulta pública não suspende prazos no processo e ocorre concomitantemente ao tempo previsto para manifestação da autoridade licenciadora, devendo durar, no mínimo, 15 (quinze) dias e, no máximo, 60 (sessenta) dias.</p>	<p>Art. 38. A consulta pública prevista no inciso I do <i>caput</i> do art. 36 desta Lei <u>pode, a critério da autoridade licenciadora, ser</u> utilizada em todas as modalidades de licenciamento previstas nesta Lei com objetivo de colher subsídios, quando couber, para:</p> <p>I – a elaboração do TR;</p> <p>II – <u>a avaliação de impacto</u> <u>análise do estudo</u> ambiental;</p> <p>III – a análise da eficácia, <u>eficiência e efetividade</u> das condicionantes ambientais em todas as fases do licenciamento ambiental, incluindo o período posterior à emissão de LO; ou</p> <p>IV – <u>a instrução e análise de</u> outros fatores do licenciamento ambiental.</p> <p><u>Parágrafo único. § 1º</u> A consulta pública não suspende prazos no processo e ocorre <u>rá</u> concomitantemente ao tempo previsto para manifestação da autoridade licenciadora, devendo durar, no mínimo, 15 (quinze) dias e, no máximo, 60 (sessenta) dias.</p> <p><u>§ 2º As contribuições recebidas por escrito no contexto</u></p>	<p><u>Maior participação e melhoria da redação.</u></p> <p><u>Sem algo do tipo, corremos o risco de disseminar</u></p>



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

	<p><u>da consulta pública possuem caráter público e passam a fazer parte da documentação do processo de licenciamento, devendo permanecer acessíveis a qualquer parte interessada.</u></p>	<p><u>consultas de faz-de-conta, sem registro confiável ou auditabilidade.</u></p>
<p>Art. 39. A consulta livre, prévia e informada aos povos indígenas e tribais estabelecida pela Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) deve ser realizada pela autoridade envolvida competente, por meio das instituições representativas dos povos interessados e de acordo com seus próprios procedimentos, respeitados os protocolos de consulta existentes. Parágrafo único. A equipe técnica da autoridade licenciadora deve acompanhar a consulta prevista no <i>caput</i> deste artigo, para subsidiar a decisão sobre a licença ambiental.</p>	<p>Art. 39. A consulta livre, prévia e informada aos povos indígenas e tribais estabelecida pela Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) deve ser realizada pela autoridade <u>licenciadora, com participação da autoridade</u> envolvida competente, por meio das instituições representativas dos povos interessados e de acordo com seus próprios procedimentos, respeitados os protocolos de consulta existentes. Parágrafo único. A equipe técnica da autoridade licenciadora deve acompanhar a consulta prevista no caput deste artigo, para subsidiar a decisão sobre a licença ambiental.</p>	<p><u>Redação</u></p>
<p>Seção 7 Da Participação das Autoridades Envolvidas Art. 40. A participação, no licenciamento ambiental, das autoridades envolvidas referidas no inciso IV do art. 2º desta Lei ocorre nas seguintes situações: I – observados os limites fixados no Anexo 1, quando na ADA ou na área de influência existir: a) terra indígena com portaria de declaração de limites publicada; ou b) área que tenha sido objeto de portaria de interdição em razão da localização de índios isolados; II – observados os limites fixados no Anexo 1,</p>	<p>Seção 7 Da Participação das Autoridades Envolvidas Art. 40. A participação, no licenciamento ambiental, das autoridades envolvidas referidas no inciso IV do art. 2º desta Lei ocorre nas seguintes situações: I – observados os limites fixados no Anexo 1, quando na ADA ou na área de influência existir: a) terra indígena com portaria de declaração de limites publicada; ou b) área que tenha sido objeto de portaria de interdição em razão da localização de índios isolados; II – observados os limites fixados no Anexo 1, quando na ADA ou na área de influência existir terra quilombola</p>	<p><u>Adequação geral do artigo para garantia de direitos sociais, bem como do patrimônio da população brasileira.</u></p>



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>quando na ADA ou na área de influência existir terra quilombola titulada;</p> <p>III – quando na ADA existirem bens culturais protegidos pela Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961, ou legislação correlata, bens tombados nos termos do Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, ou legislação correlata, bens registrados nos termos do Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, ou legislação correlata, ou bens valorados nos termos da Lei nº 11.483, de 31 de maio de 2007, ou legislação correlata;</p> <p>IV – quando a ADA se sobrepuser a Unidade de Conservação do Grupo de Proteção Integral prevista na Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, ou sua zona de amortecimento; e</p> <p>V – quando na ADA ou na área de influência existirem áreas de risco ou endêmicas para malária.</p> <p>§ 1º A manifestação das autoridades envolvidas deve ser considerada pela autoridade licenciadora, mas não vincula a decisão final quanto à licença ambiental, exceto no caso de que trata o inciso IV do <i>caput</i> deste artigo para atividade ou empreendimento cujo licenciamento requeira EIA.</p> <p>§ 2º No caso de julgar pelo descabimento total ou parcial da manifestação da autoridade envolvida, a autoridade licenciadora deve apresentar a devida motivação à autoridade envolvida, que pode reconsiderar ou manter sua manifestação.</p> <p>§ 3º As disposições do <i>caput</i> deste artigo são aplicadas sem prejuízo da legislação sobre o patrimônio arqueológico ou paleontológico.</p>	<p>titulada;</p> <p>III – quando na ADA existirem bens culturais protegidos pela Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961, ou legislação correlata, bens tombados nos termos do Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, ou legislação correlata, bens registrados nos termos do Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, ou legislação correlata, ou bens valorados nos termos da Lei nº 11.483, de 31 de maio de 2007, ou legislação correlata;</p> <p>IV – quando a ADA se sobrepuser a Unidade de Conservação do Grupo de Proteção Integral prevista na Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, ou sua zona de amortecimento; e</p> <p>V – quando na ADA ou na área de influência existirem áreas de risco ou endêmicas para malária.</p> <p>§ 1º A manifestação das autoridades envolvidas deve ser considerada pela autoridade licenciadora, mas não vincula a decisão final quanto à licença ambiental, exceto no caso de que trata o inciso IV do <i>caput</i> deste artigo para atividade ou empreendimento cujo licenciamento requeira EIA.</p> <p>§ 2º No caso de julgar pelo descabimento total ou parcial da manifestação da autoridade envolvida, a autoridade licenciadora deve apresentar a devida motivação à autoridade envolvida, que pode reconsiderar ou manter sua manifestação.</p> <p>§ 3º As disposições do <i>caput</i> deste artigo são aplicadas sem prejuízo da legislação sobre o patrimônio arqueológico ou paleontológico.</p> <p><u>Art. 40 . A participação, no licenciamento ambiental, das autoridades envolvidas referidas no inciso III do art. 32º desta Lei ocorre nas seguintes situações:</u></p> <p><u>I – quando na ADA ou na área de influência existir terra</u></p>	
--	---	--



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

	<p>indígena com relatório de identificação e delimitação aprovado por ato do órgão indigenista competente, terra indígena em estudo quando houver a presença de população indígena, área que tenha sido objeto de portaria de interdição em razão da localização de índios isolados ou nas demais modalidades previstas no art. 17 da Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973, ou legislação correlata;</p> <p>II – quando na ADA ou na área de influência existir terra quilombola reconhecida por relatório de identificação e delimitação publicado ou terra quilombola em estudo quando houver a presença da comunidade remanescente de quilombo;</p> <p>III – quando na ADA ou na área de influência existirem bens culturais protegidos pela Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961, ou legislação correlata, bens tombados nos termos do Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, ou legislação correlata, bens registrados nos termos do Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, ou legislação correlata, ou bens valorados nos termos da Lei nº 11.483, de 31 de maio de 2007, ou legislação correlata;</p> <p>IV – quando na ADA ou na área de influência existir Unidade de Conservação da natureza ou sua zona de amortecimento; e</p> <p>V – quando na ADA ou na área de influência existirem áreas de risco ou endêmicas para malária.</p> <p>§ 1º A manifestação das autoridades envolvidas deve ser considerada pela autoridade licenciadora, mas não vincula a decisão final quanto à licença ambiental, exceto no caso de que trata o inciso IV do caput deste artigo para atividade ou empreendimento potencialmente causador de significativa degradação do meio ambiente.</p> <p>§ 2º No caso de julgar pelo descabimento total ou parcial</p>	
--	--	--



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

	<p>da manifestação da autoridade envolvida, a autoridade licenciadora deve apresentar a devida motivação à autoridade envolvida, que pode reconsiderar ou manter sua manifestação, sem prejuízo de outras tratativas que se mostrem necessárias para dirimir as divergências.</p> <p>§ 3º As disposições do caput deste artigo são aplicadas sem prejuízo da legislação sobre o patrimônio arqueológico ou paleontológico.</p>	
<p>Art. 41. Nos casos previstos no art. 40 desta Lei, o TR do estudo ambiental exigido pela autoridade licenciadora deve contemplar as informações e estudos específicos solicitados pelas autoridades envolvidas, que têm o prazo máximo de 30 (trinta) dias para se manifestar a partir do recebimento da solicitação da autoridade licenciadora.</p>	<p>Art. 41. Nos casos previstos no art. 40 desta Lei, o TR do estudo ambiental exigido pela autoridade licenciadora deve contemplar <u>conter</u> as informações e estudos específicos solicitados pelas autoridades envolvidas, que têm o prazo máximo de 30 (trinta) <u>60 (sessenta)</u> dias para se manifestar a partir do recebimento da solicitação da autoridade licenciadora.</p>	<p>Caput - prazo muito exíguo para este tipo de consulta.</p>
<p>Art. 42. A autoridade licenciadora deve solicitar a manifestação das autoridades envolvidas no prazo máximo de 30 (trinta) dias do recebimento do estudo ambiental ou dos planos, programas e projetos relacionados à licença ambiental.</p> <p>§ 1º A autoridade envolvida deve apresentar manifestação conclusiva para subsidiar a autoridade licenciadora no prazo máximo de 90 (noventa) dias, no caso de EIA, e de até 30 (trinta) dias nos demais casos, contados da data do recebimento da solicitação.</p> <p>§ 2º A autoridade envolvida pode requerer, motivadamente, a prorrogação do prazo previsto no § 1º deste artigo por no máximo 30 (trinta) dias, nos casos de EIA, e até 15 (quinze) dias, nos demais casos.</p>	<p>Art. 42. A autoridade licenciadora deve solicitar a manifestação das autoridades envolvidas no prazo máximo de 30 (trinta) dias do recebimento do estudo ambiental ou dos planos, programas e projetos relacionados à licença ambiental.</p> <p>§ 1º A autoridade envolvida deve apresentar manifestação conclusiva para subsidiar a autoridade licenciadora no prazo máximo de 90 (noventa) dias, no caso de EIA, e de até 30 (trinta) dias nos demais casos, contados da data do recebimento da solicitação.</p> <p>§ 2º A autoridade envolvida pode requerer, motivadamente, a prorrogação do prazo previsto no § 1º deste artigo por no máximo 30 (trinta) dias, nos casos de EIA, e até 15 (quinze) dias, nos demais casos.</p> <p>§ 3º A ausência de manifestação da autoridade envolvida nos prazos previstos nos §§ 1º e 2º deste artigo não obsta</p>	<p>Idem artigo anterior.</p>



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>§ 3º A ausência de manifestação da autoridade envolvida nos prazos previstos nos §§ 1º e 2º deste artigo não obsta o andamento do licenciamento, nem a expedição da licença ambiental.</p> <p>§ 4º No caso de a manifestação da autoridade envolvida incluir propostas de condicionantes, elas devem estar acompanhadas de justificativa técnica que demonstre sua necessidade para evitar, mitigar ou compensar impactos ambientais negativos da atividade ou empreendimento, podendo a autoridade licenciadora, para aquelas que não atendam a esse requisito, solicitar à autoridade envolvida a apresentação da devida justificativa técnica ou rejeitá-las.</p> <p>§ 5º A partir das informações e estudos apresentados pelo empreendedor e demais informações disponíveis, as autoridades envolvidas devem acompanhar a implementação das condicionantes ambientais incluídas nas licenças relacionadas a suas respectivas atribuições, informando a autoridade licenciadora nos casos de descumprimento ou inconformidade.</p>	<p>o andamento do licenciamento, nem a expedição da licença ambiental.</p> <p>§ 4º No caso de a manifestação da autoridade envolvida incluir propostas de condicionantes, elas devem estar acompanhadas de justificativa técnica que demonstre sua necessidade para evitar, mitigar ou compensar impactos ambientais negativos da atividade ou empreendimento, podendo a autoridade licenciadora, para aquelas que não atendam a esse requisito, solicitar à autoridade envolvida a apresentação da devida justificativa técnica ou rejeitá-las.</p> <p>§ 5º A partir das informações e estudos apresentados pelo empreendedor e demais informações disponíveis, as autoridades envolvidas devem acompanhar a implementação das condicionantes ambientais incluídas nas licenças relacionadas a suas respectivas atribuições, informando a autoridade licenciadora nos casos de descumprimento ou inconformidade.</p> <p><u>Art. 42. A autoridade licenciadora deve solicitar, no prazo máximo de 30 (trinta) dias do recebimento do estudo ambiental ou de planos, programas e projetos relacionados à licença ambiental, a manifestação das autoridades envolvidas.</u></p> <p><u>§ 1º A autoridade envolvida deve apresentar manifestação conclusiva para subsidiar a autoridade licenciadora no prazo máximo equivalente à metade do prazo concedido a esta, contado da data de recebimento da solicitação.</u></p> <p><u>§ 2º A autoridade envolvida pode solicitar, motivadamente, a prorrogação do prazo previsto no § 1º por no máximo 45 (quarenta e cinco) dias.</u></p> <p><u>§ 3º A ausência de manifestação da autoridade envolvida</u></p>	
--	---	--



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

	<p><u>no prazo estabelecido nos §§ 1º e 2º deste artigo não obsta o andamento do licenciamento, nem a expedição da licença ambiental.</u></p> <p><u>§ 4º No caso de a manifestação da autoridade envolvida incluir propostas de condicionantes, elas devem estar acompanhadas de justificativa técnica que demonstre sua necessidade para evitar, mitigar ou compensar impactos ambientais negativos da atividade ou empreendimento, podendo a autoridade licenciadora, para aquelas que não atendam a esse requisito, solicitar à autoridade envolvida a apresentação da devida justificativa técnica ou rejeitá-las.</u></p> <p><u>§ 5º A partir das informações e estudos apresentados pelo empreendedor e demais informações disponíveis, as autoridades envolvidas devem acompanhar a implementação das condicionantes ambientais incluídas nas licenças relacionadas a suas respectivas atribuições, informando a autoridade licenciadora nos casos de descumprimento ou inconformidade.</u></p>	
<p>Seção 8 Dos Prazos Administrativos Art. 42. O processo de licenciamento ambiental deve respeitar os seguintes prazos máximos de análise para emissão da licença, contados a partir da entrega do estudo ambiental pertinente e das demais informações ou documentos requeridos na forma desta Lei: I – 8 (oito) meses para a LP, quando o estudo ambiental exigido for o EIA; II – 4 (quatro) meses para a LP, para os casos dos demais estudos; III – 3 (três) meses para a LI, a LO, a LOC e a LAU; IV – 4 (quatro) meses para as licenças pelo</p>	<p>Seção 8 Dos Prazos Administrativos Art. 42. O processo de licenciamento ambiental deve respeitar os seguintes prazos máximos de análise para emissão da licença, contados a partir da entrega do estudo ambiental pertinente e das demais informações ou documentos requeridos na forma desta Lei: I – 12 (doze) 8 (oito) meses para a LP, quando o estudo ambiental exigido for o EIA; II – 6 (seis) 4 (quatro) meses para a LP, para os casos dos demais estudos; III – 4 (quatro) 3 (três) meses para a LI, a LO, a LOC e a LAU; IV – 6 (seis) 4 (quatro) meses para as licenças pelo</p>	<p><u>[renumerar a partir daqui também os artigos]</u></p> <p><u>Idem anterior</u></p>

Formatado: Fonte: Negrito, Cor da fonte: Vermelho

Formatado: Fonte: Negrito



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>procedimento bifásico em que não se exija EIA; e V – 45 (quarenta e cinco) dias para a LAC.</p> <p>§ 1º Os prazos estipulados no <i>caput</i> deste artigo podem ser alterados em casos específicos, desde que formalmente solicitado pelo empreendedor e com a concordância da autoridade licenciadora.</p> <p>§ 2º O requerimento de licença ambiental não deve ser admitido quando, no prazo de 30 (trinta) dias, a autoridade licenciadora identificar que o EIA ou outro estudo ambiental protocolado não apresente os itens listados no TR, gerando a necessidade de reapresentação do estudo, com reinício do procedimento e da contagem do prazo.</p> <p>§ 3º O decurso dos prazos máximos previstos no <i>caput</i> deste artigo sem a emissão da licença ambiental não implica emissão tácita, nem autoriza a prática de ato que dela dependa ou decorra, mas instaura a competência supletiva do licenciamento ambiental, nos termos do § 3º do art. 14 da Lei Complementar nº 140, de 2011.</p> <p>§ 4º Na instauração de competência supletiva prevista no § 3º deste artigo, o prazo de análise é reiniciado, devendo ser aproveitados, sempre que possível, os elementos instrutórios no âmbito do licenciamento ambiental, sendo vedada a solicitação de estudos já apresentados e aceitos, ressalvados os casos de vício de legalidade.</p> <p>§ 5º Respeitados os prazos previstos neste artigo, a autoridade licenciadora deve definir em ato próprio os demais prazos do licenciamento ambiental.</p>	<p>procedimento bifásico em que não se exija EIA; e V – 45 (quarenta e cinco) dias para a LAC.</p> <p>§ 1º Os prazos estipulados no <i>caput</i> deste artigo podem ser alterados em casos específicos, desde que formalmente solicitado pelo empreendedor e com a concordância da autoridade licenciadora.</p> <p>§ 2º O requerimento de licença ambiental não deve ser admitido quando, no prazo de 30 (trinta) dias, a autoridade licenciadora identificar que o EIA ou outro estudo ambiental protocolado não apresente os itens listados no TR, gerando a necessidade de reapresentação do estudo, com reinício do procedimento e da contagem do prazo.</p> <p>§ 3º O decurso dos prazos máximos previstos no <i>caput</i> deste artigo sem a emissão da licença ambiental não implica emissão tácita, nem autoriza a prática de ato que dela dependa ou decorra, mas instaura a competência supletiva do licenciamento ambiental, nos termos do § 3º do art. 14 da Lei Complementar nº 140, de 2011.</p> <p>§ 4º Na instauração de competência supletiva prevista no § 3º deste artigo, o prazo de análise é reiniciado, devendo ser aproveitados, sempre que possível, os elementos instrutórios no âmbito do licenciamento ambiental, sendo vedada a solicitação de estudos já apresentados e aceitos, ressalvados os casos de vício de legalidade.</p> <p>§ 5º Respeitados os prazos previstos neste artigo, a autoridade licenciadora deve definir em ato próprio os demais prazos do licenciamento ambiental.</p>	
--	---	--



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>Art. 43. As exigências de complementação oriundas da análise do licenciamento ambiental de atividade ou empreendimento devem ser comunicadas pela autoridade licenciadora de uma única vez ao empreendedor, ressalvadas aquelas decorrentes de fatos novos, nos termos do § 1º do art. 14 da Lei Complementar nº 140, de 2011.</p> <p>§ 1º O empreendedor deve atender às exigências de complementação no prazo máximo de 4 (quatro) meses, contado do recebimento da respectiva notificação, podendo esse prazo ser prorrogado, a critério da autoridade licenciadora, desde que justificado pelo empreendedor.</p> <p>§ 2º O descumprimento injustificado do prazo previsto no § 1º deste artigo enseja o arquivamento do processo.</p> <p>§ 3º O arquivamento do processo a que se refere o § 2º deste artigo não impede novo protocolo com o mesmo teor, em processo sujeito a outro recolhimento de despesas de licenciamento ambiental, bem como à apresentação da complementação de informações, documentos ou estudos, julgada necessária pela autoridade licenciadora.</p> <p>§ 4º A exigência de complementação de informações, documentos ou estudos feitos pela autoridade licenciadora suspende a contagem dos prazos previstos no art. 42 desta Lei, que continuam a fluir após o seu atendimento integral pelo empreendedor.</p>	<p>Art. 43. As exigências de complementação oriundas da análise do licenciamento ambiental de atividade ou empreendimento devem ser comunicadas pela autoridade licenciadora de uma única vez ao empreendedor, ressalvadas aquelas decorrentes de fatos novos, nos termos do § 1º do art. 14 da Lei Complementar nº 140, de 2011.</p> <p>§ 1º O empreendedor deve atender às exigências de complementação no prazo máximo de 4 (quatro) meses, contado do recebimento da respectiva notificação, podendo esse prazo ser prorrogado, a critério da autoridade licenciadora, desde que justificado pelo empreendedor.</p> <p>§ 2º O descumprimento injustificado do prazo previsto no § 1º deste artigo enseja o arquivamento do processo.</p> <p>§ 3º O arquivamento do processo a que se refere o § 2º deste artigo não impede novo protocolo com o mesmo teor, em processo sujeito a outro recolhimento de despesas de licenciamento ambiental, bem como à apresentação da complementação de informações, documentos ou estudos, julgada necessária pela autoridade licenciadora.</p> <p>§ 4º A exigência de complementação de informações, documentos ou estudos feitos pela autoridade licenciadora suspende a contagem dos prazos previstos no art. 42 desta Lei, que continuam a fluir após o seu atendimento integral pelo empreendedor.</p>	
<p>Art. 44. O processo de licenciamento ambiental que ficar sem movimentação durante 2 (dois) anos sem</p>	<p>Art. 44. O processo de licenciamento ambiental que ficar sem movimentação durante 2 (dois) anos sem justificativa</p>	<p>Caput - digitação</p>



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>justificativa formal pode ser arquivado, mediante notificação prévia ao empreendedor. Parágrafo único. Para o desarquivamento do processo, podem ser exigidos novos estudos ou a complementação dos anteriormente apresentados, bem como cobradas novas despesas relativas ao licenciamento ambiental.</p>	<p>formal pode ser arquivado, mediante notificação prévia ao empreendedor. Parágrafo único. Para o desarquivamento do processo, podem ser exigidos novos estudos ou a complementação dos anteriormente apresentados, bem como cobradas novas despesas relativas ao licenciamento ambiental.</p>	
<p>Art. 45. Os demais entes federativos interessados podem se manifestar à autoridade licenciadora responsável, de maneira não vinculante, respeitados os prazos e procedimentos do licenciamento ambiental, nos termos do § 1º do art. 13 da Lei Complementar nº 140, de 2011, previamente à emissão da primeira licença da atividade ou empreendimento. Parágrafo único. Cabe manifestação dos entes federativos interessados em outras fases do licenciamento se houver alteração relevante de projeto, a critério da autoridade licenciadora.</p>	<p>Art. 45. Os demais entes federativos interessados podem se manifestar à autoridade licenciadora responsável, de maneira não vinculante, respeitados os prazos e procedimentos do licenciamento ambiental, nos termos do § 1º do art. 13 da Lei Complementar nº 140, de 2011, previamente à emissão da primeira licença da atividade ou empreendimento. Parágrafo único. Cabe manifestação dos entes federativos interessados em outras fases do licenciamento se houver alteração relevante de projeto, a critério da autoridade licenciadora.</p>	<p><u>Parágrafo único. Todos os envolvidos devem ser consultados, especialmente se há mudanças no projeto.</u></p>
<p>Art. 46. As autorizações ou outorgas a cargo de órgão ou entidade integrante do Sisnama que se fizerem necessárias para o pleno exercício da licença ambiental devem ser emitidas prévia ou concomitantemente a ela, respeitados os prazos máximos previstos no art. 42 desta Lei.</p>	<p>Art. 46. As autorizações ou outorgas a cargo de órgão ou entidade integrante do Sisnama que se fizerem necessárias para o pleno exercício da licença ambiental devem ser emitidas prévia ou concomitantemente a ela, respeitados os prazos máximos previstos no art. 42 desta Lei.</p>	
<p>Seção 9 Das Despesas do Licenciamento Ambiental Art. 47. Correm às expensas do empreendedor as despesas relativas: I – à elaboração dos estudos ambientais requeridos</p>	<p>Seção 9 Das Despesas do Licenciamento Ambiental Art. 47. Correm às expensas do empreendedor as despesas relativas: I – à elaboração dos estudos ambientais requeridos no</p>	



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>no licenciamento ambiental;</p> <p>II – à realização de audiência pública ou outras reuniões ou consultas públicas realizadas no licenciamento ambiental;</p> <p>III – ao custeio de implantação, operação, monitoramento e eventual readequação das condicionantes ambientais, nelas considerados os planos, programas e projetos relacionados à licença ambiental expedida;</p> <p>IV – à publicação dos pedidos de licença ambiental ou sua renovação, incluindo os casos de renovação automática;</p> <p>V – às cobranças previstas no Anexo da Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, incluído pela Lei nº 9.960, de 28 de janeiro de 2000, no que couber; e</p> <p>VI – às taxas e preços estabelecidos pelas legislações federal, estadual, distrital ou municipal.</p> <p>§ 1º Os valores alusivos às cobranças do poder público relativos ao licenciamento ambiental devem guardar relação de proporcionalidade com o custo e a complexidade dos serviços prestados e estar estritamente relacionados ao objeto da licença ambiental.</p> <p>§ 2º A autoridade licenciadora deve publicar os itens de composição das cobranças referidas no § 1º deste artigo.</p> <p>§ 3º Devem ser realizados de ofício pelos órgãos do Sisnama, independentemente de pagamento de taxas ou outras despesas, os atos necessários à emissão de declaração de não sujeição ao licenciamento ambiental de atividade ou empreendimento, nos termos do art. 8º desta Lei.</p> <p>§ 4º A composição do orçamento dos programas</p>	<p>licenciamento ambiental;</p> <p>II – à realização de audiência pública ou outras reuniões ou consultas públicas realizadas no licenciamento ambiental;</p> <p>III – ao custeio de implantação, operação, monitoramento e eventual readequação das condicionantes ambientais, nelas considerados os planos, programas e projetos relacionados à licença ambiental expedida;</p> <p>IV – à publicação dos pedidos de licença ambiental ou sua renovação, incluindo os casos de renovação automática;</p> <p>V – às cobranças previstas no Anexo da Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, incluído pela Lei nº 9.960, de 28 de janeiro de 2000, no que couber; e</p> <p>VI – às taxas e preços estabelecidos pelas legislações federal, estadual, distrital ou municipal.</p> <p>§ 1º Os valores alusivos às cobranças do poder público relativos ao licenciamento ambiental devem guardar relação de proporcionalidade com o custo e a complexidade dos serviços prestados e estar estritamente relacionados ao objeto da licença ambiental.</p> <p>§ 2º A autoridade licenciadora deve publicar os itens de composição das cobranças referidas no § 1º deste artigo.</p> <p><u>§ 3º Os custos referentes às análises ambientais na fase de acompanhamento das condicionantes da operação do empreendimento também correm às expensas do empreendedor, devendo a autoridade licenciadora definir em regulamento os procedimentos específicos para cobrança.</u></p> <p>§ 4º Devem ser realizados de ofício pelos órgãos do Sisnama, independentemente de pagamento de taxas ou outras despesas, os atos necessários à emissão de declaração de não sujeição ao licenciamento ambiental de atividade ou empreendimento, nos termos do art. 8º</p>	<p><u>§ 3º Hoje há grande dificuldade para custeio do acompanhamento na fase pós-licença e os procedimentos para essa cobrança não estão estabelecidos, ao menos no nível federal.</u></p>
--	---	--



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>inclusos nas condicionantes da licença ambiental deve se pautar no valor de mercado de cada serviço, bem ou medida necessário à sua efetivação.</p>	<p>desta Lei. § 4º A composição do orçamento dos programas inclusos nas condicionantes da licença ambiental deve se pautar no valor de mercado de cada serviço, bem ou medida necessário à sua efetivação.</p>	
<p>CAPÍTULO III DA AVALIAÇÃO AMBIENTAL ESTRATÉGICA E DO ZONEAMENTO ECOLÓGICO-ECONÔMICO Art. 48. A Avaliação Ambiental Estratégica (AAE) tem como objetivo identificar as consequências, conflitos e oportunidades de propostas de políticas, planos e programas governamentais, considerando os aspectos ambientais e socioeconômicos, e assegurar, em tempo hábil, a interação entre as políticas setoriais, territoriais e de sustentabilidade ambiental no processo de tomada de decisão. Parágrafo único. A AAE tem cunho facultativo e é atribuição dos órgãos responsáveis pelo planejamento e formulação de políticas, planos e programas governamentais, ou conjuntos de projetos estruturantes, de desenvolvimento setorial ou territorial.</p>	<p>CAPÍTULO III DA AVALIAÇÃO AMBIENTAL ESTRATÉGICA E DO ZONEAMENTO ECOLÓGICO-ECONÔMICO Art. 48. A Avaliação Ambiental Estratégica (AAE) tem como objetivo identificar as consequências, conflitos e oportunidades de propostas de políticas, planos e programas governamentais, considerando os aspectos ambientais e socioeconômicos, e assegurar, em tempo hábil, a interação entre as políticas setoriais, territoriais e de sustentabilidade ambiental no processo de tomada de decisão. Parágrafo único. A AAE tem cunho facultativo e é atribuição dos órgãos responsáveis pelo planejamento e formulação de políticas, planos e programas governamentais, ou conjuntos de projetos estruturantes, de desenvolvimento setorial ou territorial.</p>	
<p>Art. 49. A realização da AAE não exime os responsáveis de submeter atividade ou empreendimento que integre as políticas, planos ou programas ao licenciamento ambiental. § 1º Os resultados da AAE podem conter diretrizes para orientar o licenciamento ambiental de atividades ou empreendimentos. § 2º A AAE não pode ser exigida como requisito para o licenciamento ambiental de atividade ou</p>	<p>Art. 49. A realização da AAE não exime os responsáveis de submeter atividade ou empreendimento que integre as políticas, planos ou programas ao licenciamento ambiental. § 1º Os resultados da AAE podem conter diretrizes para orientar o licenciamento ambiental de atividades ou empreendimentos.</p>	



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>empreendimento e sua inexistência não deve obstar ou dificultar esse processo. § 3º Os instrumentos de planejamento e de políticas, planos e programas governamentais que contenham estudos com conteúdo equiparável à AAE, na forma do regulamento, podem ser beneficiados com o previsto no inciso II do § 2º do art. 19 desta Lei.</p>	<p>§ 2º A AAE não pode ser exigida como requisito para o licenciamento ambiental de atividade ou empreendimento e sua inexistência não deve obstar ou dificultar esse processo. § 3º Os instrumentos de planejamento e de políticas, planos e programas governamentais que contenham estudos com conteúdo equiparável à AAE, na forma do regulamento, podem ser beneficiados com o previsto no inciso II do § 2º do art. 19 desta Lei.</p>	
<p>Art. 50. As informações e diretrizes do Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE) ou outro instrumento de ordenamento territorial, quando houver, devem ser considerados como orientação e motivação para: I – o enquadramento do grau de impacto ambiental da atividade ou empreendimento considerando a relevância e a fragilidade ambiental da sua região de implantação; II – a formulação do TR dos estudos ambientais; III – a decisão sobre a expedição ou a renovação de licença ambiental; e IV – a definição das condicionantes ambientais.</p>	<p>Art. 50. As informações e diretrizes do Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE) ou outro instrumento de ordenamento territorial, quando houver, devem ser considerados como orientação e motivação para: I – o enquadramento do grau de impacto ambiental da atividade ou empreendimento considerando a relevância e a fragilidade ambiental da sua região de implantação; II – a formulação do TR dos estudos ambientais; III – a decisão sobre a expedição ou a renovação de licença ambiental; e IV – a definição das condicionantes ambientais.</p>	
<p>Art. 51. A autoridade licenciadora deve definir a forma como os dados, informações e diagnósticos constantes do ZEE podem ser aproveitados no EIA e demais estudos ambientais.</p>	<p>Art. 51. A autoridade licenciadora deve definir a forma como os dados, informações e diagnósticos constantes do ZEE podem ser aproveitados no EIA e demais estudos ambientais.</p>	
<p>CAPÍTULO IV DISPOSIÇÕES COMPLEMENTARES E FINAIS Art. 52. Sem prejuízo do disposto no art. 15 desta Lei, os processos de licenciamento ambiental devem ser distribuídos para análise de acordo com a ordem</p>	<p>CAPÍTULO IV DISPOSIÇÕES COMPLEMENTARES E FINAIS Art. 52. Sem prejuízo do disposto no art. 15 desta Lei, os processos de licenciamento ambiental devem ser distribuídos para análise de acordo com a ordem</p>	



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>cronológica de protocolo, salvo prioridade devidamente comprovada.</p> <p>Parágrafo único. É considerado prioritário, para os fins a que se refere o <i>caput</i> deste artigo, a atividade ou empreendimento:</p> <p>I – definido como de interesse nacional por ato do Presidente da República, nos processos sob responsabilidade da autoridade licenciadora federal;</p> <p>II – definido como de interesse estadual por ato do governador, nos processos sob responsabilidade da autoridade licenciadora estadual ou do Distrito Federal; ou</p> <p>III – definido como de interesse municipal por ato do prefeito, nos processos sob responsabilidade da autoridade licenciadora municipal.</p>	<p>cronológica de protocolo, salvo prioridade devidamente comprovada.</p> <p>Parágrafo único. É considerado prioritário, para os fins a que se refere o <i>caput</i> deste artigo, a atividade ou empreendimento: <u>vinculado a programas governamentais de geração de emprego e aquelas de caráter militar previstas no preparo e emprego das Forças Armadas, conforme disposto na Lei Complementar nº 97, de 9 de junho de 1999.</u></p> <p>I – definido como de interesse nacional por ato do Presidente da República, nos processos sob responsabilidade da autoridade licenciadora federal;</p> <p>II – definido como de interesse estadual por ato do governador, nos processos sob responsabilidade da autoridade licenciadora estadual ou do Distrito Federal;</p> <p>ou</p> <p>III – definido como de interesse municipal por ato do prefeito, nos processos sob responsabilidade da autoridade licenciadora municipal.</p>	
<p>Art. 53. Os estudos técnicos de atividade ou empreendimento, relativos ao planejamento setorial envolvendo a pesquisa, e demais estudos técnicos e ambientais aplicáveis, podem ser realizados em quaisquer categorias de Unidades de Conservação de domínio público em que seja permitida a realização da atividade ou empreendimento, de acordo com a Lei nº 9.985, de 2000, mediante autorização de acesso do órgão gestor da unidade.</p> <p>Parágrafo único. A interferência da realização dos estudos nos atributos da Unidade de Conservação deve ser a menor possível, reversível e mitigável.</p>	<p>Art. 53. Os estudos técnicos de atividade ou empreendimento, relativos ao planejamento setorial envolvendo a pesquisa, e demais estudos técnicos e ambientais aplicáveis, podem ser realizados em quaisquer categorias de Unidades de Conservação de domínio público em que seja permitida a realização da atividade ou empreendimento, de acordo com a Lei nº 9.985, de 2000, mediante autorização de acesso do órgão gestor da unidade.</p> <p>Parágrafo único. A interferência da realização dos estudos nos atributos da Unidade de Conservação deve ser a menor possível, reversível e mitigável.</p>	



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>Art. 54. Em caso de situação de emergência ou estado de calamidade pública decretado por qualquer ente federativo, as ações de resposta imediata ao desastre podem ser executadas independentemente de licenciamento ambiental.</p> <p>§ 1º O executor deve apresentar à autoridade licenciadora, no prazo máximo de 15 (quinze) dias da data de conclusão de sua execução, informações sobre as ações de resposta empreendidas.</p> <p>§ 2º A autoridade licenciadora pode definir orientações técnicas e medidas de caráter mitigatório ou compensatório às intervenções de que trata o <i>caput</i> deste artigo.</p>	<p>Art. 54. Em caso de situação de emergência ou estado de calamidade pública decretado por qualquer ente federativo, as ações de resposta imediata ao desastre podem ser executadas independentemente de licenciamento ambiental.</p> <p>§ 1º O executor deve apresentar à autoridade licenciadora, no prazo máximo de 15 (quinze) dias da data de conclusão de sua execução, informações sobre as ações de resposta empreendidas.</p> <p>§ 2º A autoridade licenciadora pode definir orientações técnicas e medidas de caráter mitigatório ou compensatório às intervenções de que trata o <i>caput</i> deste artigo.</p>	
<p>Art. 55. Aplica-se subsidiariamente a Lei nº 9.784, de 29 de janeiro de 1999, aos atos administrativos disciplinados por esta Lei.</p>	<p>Art. 55. Aplica-se subsidiariamente a Lei nº 9.784, de 29 de janeiro de 1999, aos atos administrativos disciplinados por esta Lei.</p>	
<p>Art. 56. As disposições desta Lei são aplicadas sem prejuízo da legislação sobre:</p> <p>I – a exigência de EIA consoante a caracterização da vegetação como primária ou secundária em diferentes estágios de regeneração; e</p> <p>II – a ocupação e a exploração de apicuns e salgados.</p>	<p>Art. 56. As disposições desta Lei são aplicadas sem prejuízo da legislação sobre:</p> <p>I – a exigência de EIA consoante a caracterização da vegetação como primária ou secundária em diferentes estágios de regeneração; e</p> <p>II – a ocupação e a exploração de apicuns e salgados.</p>	
<p>Art. 57. Após a entrada em vigor desta Lei, alterações no projeto original já licenciado e não previsto na licença que autorizou a operação da atividade ou empreendimento devem ser analisadas no âmbito do processo de licenciamento ambiental existente e, caso viáveis, autorizadas por meio de retificação.</p>	<p>Art. 57. Após a entrada em vigor desta Lei, alterações no projeto original já licenciado e não previsto na licença que autorizou a operação da atividade ou empreendimento devem ser analisadas no âmbito do processo de licenciamento ambiental existente e, caso viáveis, autorizadas por meio de retificação.</p>	



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

<p>Art. 58. Os profissionais que subscrevem os estudos ambientais necessários ao processo de licenciamento ambiental e os empreendedores são responsáveis pelas informações apresentadas, sujeitando-se às sanções administrativas, civis e penais cabíveis.</p>	<p>Art. 58. Os profissionais que subscrevem os estudos ambientais necessários ao processo de licenciamento ambiental e os empreendedores são responsáveis pelas informações apresentadas, sujeitando-se às sanções administrativas, civis e penais cabíveis.</p>	
<p>Art. 59. As instituições supervisionadas pelo Banco Central do Brasil e as entidades governamentais de fomento são obrigadas a verificar a situação de regularidade dos empreendimentos financiados quanto à licença ambiental.</p> <p>§ 1º A apresentação de licença válida é considerada suficiente para a comprovação da regularidade prevista no <i>caput</i> deste artigo, não cabendo responsabilização das instituições e entidades referidas no <i>caput</i> por danos ambientais causados pelos empreendimentos financiados.</p> <p>§ 2º A inobservância do disposto no <i>caput</i> neste artigo imputa responsabilidade solidária às instituições supervisionadas pelo Banco Central do Brasil e às entidades governamentais de fomento pelos danos ambientais, observada a proporcionalidade do valor da operação financeira realizada pela instituição em relação do valor total do empreendimento.</p>	<p>Art. 59. As instituições <u>financeiras e demais instituições autorizadas a funcionar supervisionadas pelo Banco Central do Brasil e as entidades governamentais que financiam a implantação ou ampliação da atividade ou empreendimento utilizador de recursos ambientais, efetiva ou potencialmente poluidor ou capaz, sob qualquer forma, de causar degradação do meio ambiente, são obrigadas a verificar a situação de regularidade dos empreendimentos financiados quanto à exigir a apresentação da licença ambiental, assim como a manter sistemas de gerenciamento de risco socioambiental, e as entidades governamentais de fomento são obrigadas a verificar a situação de regularidade dos empreendimentos financiados quanto à licença ambiental.</u></p> <p>§ 1º <u>As instituições referidas no caput deverão realizar procedimentos de diligência socioambiental, previamente e no decorrer da operação financeira, proporcionais ao possível impacto da atividade ou empreendimento, os quais devem envolver medidas preventivas e corretivas adequadas, inclusive as de natureza contratual, para evitar, mitigar e fazer cessar eventuais danos ambientais.</u></p> <p>A apresentação de licença válida é considerada suficiente para a comprovação da regularidade prevista no <i>caput</i> deste artigo, não cabendo responsabilização das instituições e entidades referidas no <i>caput</i> por danos ambientais causados pelos empreendimentos financiados.</p>	



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

	<p><u>§ 2º. A instituição financeira que não realizar procedimentos de diligência socioambiental, ou que o fizer de forma negligente, responde solidariamente por danos socioambientais decorrentes de atividades e projetos financiados.</u></p> <p><u>§ 3º A inobservância do disposto no caput neste artigo imputa responsabilidade solidária às instituições supervisionadas pelo Banco Central do Brasil e às entidades governamentais de fomento pelos danos ambientais, observada a proporcionalidade do valor da operação financeira realizada pela instituição financeira será proporcional à sua participação no financiamento da atividade ou empreendimento em relação do valor total do empreendimento.</u></p> <p><u>§ 4º. No âmbito de suas competências de supervisão do Sistema Financeiro Nacional, caberá ao Banco Central do Brasil fiscalizar o cumprimento do disposto neste artigo.</u></p>	
<p>Art. 60. No prazo de 90 (noventa) dias da publicação desta Lei, as autoridades licenciadores da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios e as autoridades envolvidas devem apresentar aos respectivos chefes do Poder Executivo relatório sobre as condições de recursos humanos, financeiros e institucionais necessárias para o cumprimento desta Lei.</p> <p>§ 1º O relatório previsto no <i>caput</i> deste artigo deve ser disponibilizado no subsistema previsto no art. 32 desta Lei.</p> <p>§ 2º No prazo de 90 (noventa) dias contados do recebimento do relatório previsto no <i>caput</i> deste artigo, os chefes do Poder Executivo devem responder, motivadamente, às autoridades</p>	<p>Art. 60. No prazo de 90 (noventa) dias da publicação desta Lei, as autoridades licenciadores da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios e as autoridades envolvidas devem apresentar aos respectivos chefes do Poder Executivo relatório sobre as condições de recursos humanos, financeiros e institucionais necessárias para o cumprimento desta Lei.</p> <p>§ 1º O relatório previsto no <i>caput</i> deste artigo deve ser disponibilizado no subsistema previsto no art. 32 desta Lei.</p> <p>§ 2º No prazo de 90 (noventa) dias contados do recebimento do relatório previsto no <i>caput</i> deste artigo, os chefes do Poder Executivo devem responder, motivadamente, às autoridades licenciadoras e às autoridades envolvidas sobre o atendimento ou não das</p>	



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

licenciadoras e às autoridades envolvidas sobre o atendimento ou não das condições apresentadas.	condições apresentadas.	
Art. 61. Revogam-se o parágrafo único do art. 67 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, e o § 2º do art. 6º da Lei nº 7.661, de 16 de maio de 1988.	Art. 61. Revogam-se o parágrafo único do art. 67 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, e o § 2º do art. 6º da Lei nº 7.661, de 16 de maio de 1988.	
Art. 62. Esta Lei entra em vigor após decorridos 180 (cento e oitenta) dias de sua publicação oficial. Sala das Sessões, em de de 2019. Deputado KIM KATAGUIRI Relator	Art. 62. Esta Lei entra em vigor após decorridos 180 (cento e oitenta) dias de sua publicação oficial. Sala das Sessões, em de de 2019. Deputado KIM KATAGUIRI Relator	
		PROPOSTA DE RETIRADA DESSE ANEXO 1 PELO IMPACTO NÃO SER LINEAR FERROVIA NÃO É NECESSARIAMENTE MENOS IMPACTANTE DO QUE UMA RODOVIA



PROPOSTAS DA ASCEMA NACIONAL PARA A LEI GERAL DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL - 06/08/2019 – 3ª versão do relatório

ANEXO 1 Tipologia		Distância (Km)	
Amazônia Legal		Demais Regiões	
Ferrovias	10 km		5 km
Dutos	5 km		3 km
Linhas de transmissão	8 km		5 km
Rodovias	40 km		10 km
Empreendimentos pontuais (portos, mineração e termoelétricas):	10 km		8 km
Aproveitamentos hidrelétricos (UHEs e PCHs):	40 km* ou reservatório acrescido de 20 km à jusante		15 km* ou reservatório acrescido de 20 km à jusante
Outras modalidades de atividade ou empreendimento	5 Km		3 Km